



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS - UFT
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

CLÁUDIO ROBERTO DE ARAÚJO

**APROXIMAÇÕES ENTRE O PENSAMENTO DE FRIEDRICH WILHELM
NIETZSCHE E O ANARQUISMO INDIVIDUALISTA**

**PALMAS-TO
2020**

CLÁUDIO ROBERTO DE ARAÚJO

**APROXIMAÇÕES ENTRE O PENSAMENTO DE FRIEDRICH WILHELM
NIETZSCHE E O ANARQUISMO INDIVIDUALISTA**

Monografia apresentada ao curso de Filosofia da
Universidade Federal do Tocantins - UFT, como
requisito parcial para a obtenção do grau de
licenciatura em Filosofia, sob orientação da
Professora Catherine Melo Alves.

**PALMAS-TO
2020**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

A663a Araújo, Cláudio Roberto de.
 APROXIMAÇÕES ENTRE O PENSAMENTO DE FRIEDRICH WILHELM
 NIETZSCHE E O ANARQUISMO INDIVIDUALISTA. / Cláudio Roberto de
 Araújo. – Palmas, TO, 2020.
 59 f.

 Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
 Universitário de Palmas - Curso de Filosofia, 2020.

 Orientadora : Catherine Melo Alves

 1. Anarquismo individualista. 2. Nietzsche. 3. Thoreau. 4. Liberdade. I.
 Título

CDD 100

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE PALMAS
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

TERMO DE APROVAÇÃO

**APROXIMAÇÕES ENTRE O PENSAMENTO DE FRIEDRICH
WILHELM NIETZSCHE E O ANARQUISMO INDIVIDUALISTA**

Cláudio Roberto de Araújo

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para obtenção do título de Graduado no Curso de Licenciatura em Filosofia, da Universidade Federal do Tocantins.

BANCA

Orientadora Presidente:

Catherinne Melo Alves

Profa.Ma. Catherinne Melo Alves

Roberto Antonio Penedo do Amaral

Prof. Dr. Roberto Antonio Penedo do Amaral

João Paulo Simões Vilas Bôas

Prof. Dr. João Paulo Simões Vilas Bôas

Palmas
2020

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à minha esposa pelo apoio nesta empreitada onde sacrificamos horas de lazer para que eu pudesse alcançar este objetivo. Agradecer também à minha orientadora professora Catherine Melo Alves e ao professor João Paulo Simões Vilas Bôas, os quais foram prestimosos e atenciosos em suas orientações que me direcionaram à meta estabelecida.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha esposa Jacqueline, minha sintonia, e aos meus filhos Isabela, Benício e Sofia, que me motivam a continuar aprendendo.

Resumo

Esta pesquisa busca trabalhar o conceito de anarquismo individualista e seu desenvolvimento na filosofia de alguns teóricos do anarquismo, com ênfase no filósofo anarquista individualista Henry David Thoreau, e a aproximação deste conceito com o pensamento de Friedrich Wilhelm Nietzsche que, apesar de ser um crítico do anarquismo, apresentou em toda a sua filosofia, concepções que se harmonizam com o ideal individualista do anarquismo. Com tal objetivo, buscamos realizar uma pesquisa bibliográfica que, não obstante esgotasse o assunto, pudesse cumprir a finalidade de realizar este paralelo de ideias. A partir desta metodologia, conseguimos identificar alguns pontos de convergência entre o movimento anarquista individualista, em seu desígnio de buscar a autonomia e liberdade do homem, e os propósitos libertários e individualistas de Nietzsche.

Palavras-Chave: Anarquismo individualista. Nietzsche. Thoreau. Liberdade.

Abstract

This research seeks to work on the concept of individualist anarchism and its development in the philosophy of some anarchist theorists, with an emphasis on individualist anarchist philosopher Henry David Thoreau, and the approximation of this concept to the thinking of Friedrich Wilhelm Nietzsche who, despite being a critic of anarchism, presented in all its philosophy, conceptions that harmonize with the individualist ideal of anarchism. With this objective, we seek to carry out a bibliographic research that, despite exhausting the subject, could fulfill the purpose of realizing this parallel of ideas. From this methodology, we were able to identify some points of convergence between the individualist anarchist movement, in its aim of seeking the autonomy and freedom of man, and Nietzsche's libertarian and individualist purposes.

Key words: Individualist anarchism. Nietzsche. Thoreau. Freedom.

Sumário

1. Introdução	10
2. SOBRE O ANARQUISMO	12
2.1 O que é anarquismo?	12
2.2 Tipos de anarquismo	14
2.3 Anarquismo individualista	16
2.4 Estereótipo do anarquista no século XIX	27
3. SOBRE AS IDEIAS DE NIETZSCHE	36
3.1 Elogio e defesa do individualismo	36
3.2 Caracterização que Nietzsche faz dos anarquistas em sua época	39
3.3 Crítica de Nietzsche à mentalidade de rebanho	45
3.4 Elogio à solidão	48
4. APROXIMAÇÕES ENTRE O PENSAMENTO DE NIETZSCHE E O ANARQUISMO INDIVIDUALISTA	51
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA	58

1. Introdução

O movimento anarquista é bem conhecido do público em geral, inclusive, como bandeira levantada pela cultura pop, principalmente no meio musical do estilo *rock*, com grandes A's sobrepostos a círculos pichados pelos muros do mundo, estampados também em camisetas, como maneira de marcar território e demonstrar rebeldia. O próprio símbolo já manifesta certa irreverência quando os traços que formam a letra A extrapolam os limites da circunferência, dando um ar de desobediência às normas estabelecidas, o que guarda grande simetria com as ideias e ações anárquicas. Esta ideologia suscitou diversas convulsões sociais ao longo da História, justamente por sua intenção de desestruturar o Estado, o que já é causa de muita apreensão, e muito mais por seu *modus operandi* predominante, que é a perturbação através de atos de vandalismo e depredação, o que gerou a concepção no imaginário popular de que anarquismo é sinônimo de terrorismo.

Este movimento é composto de diversas vertentes, algumas, inclusive, mostram traços de contradição ao defender a desconstrução do Estado como ele é, e suas variantes, por ter-se revelado incapaz de proporcionar satisfação das necessidades fundamentais das populações, e, em seu lugar, construir outra forma de gestão, o que descaracterizaria a anarquia em sua essência, que, etimologicamente, significa ausência de governo. Não trabalharemos com o conceito mais abrangente da anarquia, em virtude de ser um assunto vasto e que possui várias ramificações.

Neste escopo, colocamos em evidência a corrente anarquista do individualismo, que se caracteriza pela indiferença pelos Estados, que se extinguiriam tão somente pela recusa em contribuir material e servilmente a eles, e desapegando-se de todas as comodidades oferecidas como moeda de troca pela liberdade dos cidadãos. Esta faceta individualista do anarquismo também tem como peculiaridade a manifestação pacífica e que, diferente das outras vertentes anarquistas, é contrária ao uso da violência para atingir seus objetivos, que são individuais, influenciando alguns líderes pacifistas que entraram para a História, como, por exemplo, Mahatma Gandhi e Martin Luther King Jr. Para efeito de avaliação, realizamos um paralelo entre diversos conceitos trabalhados nas obras de Friedrich Nietzsche e as propostas do anarquismo individualista, onde destacamos diversas correlações entre o pensamento do filósofo alemão e as concepções anarco-individualistas. Embora Nietzsche tenha sido crítico do anarquismo como um todo, não

foi percebido em nossa pesquisa nenhuma referência negativa ou positiva ao individualismo anarquista, entretanto, identificamos apreço a diversas questões como liberdade, felicidade, autonomia, desenvolvimento da própria potência e elevação do próprio ser através do conhecimento de si e do mundo.

2. SOBRE O ANARQUISMO

2.1 O que é anarquismo?

Anarquismo, em sua etimologia, deriva da junção da partícula “an”, significando negação, e “archon”, do grego que significa governante, resultando então no conceito de ausência de governo. Para entendimento geral do movimento anarquista, podemos citar algumas de suas características antes de adentrar na proposta deste trabalho. Em princípio, o anarquismo defende o fim do Estado por rejeitar o poder estatal e o autoritarismo; critica o capitalismo e as diferenças entre as classes sociais e econômicas; propõe o desenvolvimento social sem influência de governantes; exige alto nível de educação e senso ético.

Segundo o *Pequeno Dicionário Filosófico*, anarquia é definida como:

ANARQUIA. 1 – Doutrina sócio-política que nega ao Estado e a qualquer princípio de autoridade que se imponha independentemente da comunidade dos indivíduos. Em termos de modelo diretivo os principais tipos admitem um esquema de autogestão, isto é, administração dos negócios públicos e privados por comissão de trabalhadores. 2 – Por extensão e em sentido pejorativo: desordenamento por ausência de autoridade organizadora. (COLLODY, 2005, p. 25)

No livro *O que é a propriedade*, Pierre-Joseph Proudhon, um dos pais do anarquismo, apresenta o espanto e a negação causados pela declaração de uma postura anarquista no seguinte diálogo:

Que forma de governo vamos preferir? – Eh! podeis perguntá-lo, responde, sem dúvida, algum dos meus leitores mais novos; sois republicano. – Republicano sim; mas essa palavra nada precisa. **Res publica**, é a coisa pública; ora quem quer que queira a coisa pública, sob qualquer forma de governo que seja, pode dizer-se republicano. Os reis também são republicanos. – Pois bem! sois democrata? – Não. – Quê! sereis monárquico? – Não. – Constitucionalista? – Deus me livre. – Sois então aristocrata? – Absolutamente nada. – Quereis um governo misto? – Ainda menos. – Então que sois? – Sou anarquista.

– Estou a ouvir-vos: estais a brincar; dizeis isso dirigido ao governo. – De maneira nenhuma: acabais de ouvir a minha profissão de fé séria e maduramente reflectica (sic); se bem que muito amigo da ordem, sou, em toda a acepção do termo, anarquista. Escutai-me. (PROUDHON, 1975, pp. 234-235)

Percebemos que o anarquismo é a aversão a qualquer forma de governo, é a liberdade desejada para o desenvolvimento da autonomia do próprio indivíduo; desenvolvimento da autarquia, no seu sentido mais básico.

Na Revista *Grandes Temas do Conhecimento – Filosofia Nº 52*, na seção Ideias, matéria intitulada Anarquismo, Angela Detti transcreve uma citação de Proudhon sobre o anarquismo onde o filósofo deixa clara sua posição de aversão ao cerceamento da liberdade individual por parte de qualquer governante, tachando este de usurpador, tirano e inimigo: “Quem quer que seja que ponha as mãos sobre mim para me governar é um usurpador; um tirano. Eu o declaro meu inimigo.” (DETTI, s/d, p. 26)

Em outro ponto da matéria, Detti apresenta outro esclarecimento relativo ao anarquismo: “(...) a ideia que fundamenta o anarquismo é de que o governo é desnecessário, violento e nocivo, (...)” (DETTI, s/d, p. 27)

E também relata que o surgimento do anarquismo se deu em meados do século XIX, suscitado pelo desejo de liberdade individual como a finalidade de uma comunidade que busca a convivência harmônica e de sociedade autogerida onde não há a figura de governante.

O movimento anarquista surgiu na metade do século 19 e defendia uma sociedade com base na liberdade dos indivíduos, no apoio mútuo, na coexistência harmoniosa, propriedade coletiva, entre outros. É uma forma de governo estabelecida na autogestão, contrária a qualquer tipo de instituição que envolva relação de autoridade. (DETTI, s/d, p. 27)

Adiante, em poucas linhas, ela explica a essência básica da sociedade anárquica, apresentando um dos motivos, qual seja, a confiança na capacidade que os indivíduos têm de viver em paz, e citando que há deveres e obrigações a serem seguidos no anarquismo para que seus objetivos sejam alcançados.

Assim, os anarquistas possuem deveres e obrigações em relação a toda a sociedade de forma a fazê-la progredir. O homem é capaz de viver em paz com seus semelhantes, porém alguns sistemas acabam por inibir esta tendência humana de cooperar com a sociedade. (DETTI, s/d, p. 27)

A matéria também nomeia alguns dos importantes teóricos anarquistas que contribuíram para o desenvolvimento dos ideais anarquistas, como Peter Kropotkin, William Godwin, Mikhail Bakunin e Pierre-Joseph Proudhon.

De acordo com Peter Kropotkin, William Godwin (filósofo anarquista) foi “o primeiro a formular as concepções políticas e econômicas do anarquismo, mesmo que ele não tenha dado nome às ideias desenvolvidas em seu trabalho”. Sua obra *Enquiry Concerning Political Justice* (Inquérito acerca da justiça política), publicada em 1793, é considerada precursora do anarquismo. (...) [Mikhail Bakunin] Influenciado por Proudhon, atacava a violência do Estado, assim como a religião e o próprio sistema bancário. Ele via em Karl Marx um autoritário, sendo contrário às ideias do mesmo. É considerado o mais brilhante dos anarquistas. (DETTI, s/d, pp. 28-29)

O anarquismo possui diversas correntes, como já foi dito, e uma característica fundamental que divide o movimento em duas importantes vertentes para se definir o movimento anarquista é a questão do uso da violência como meio legítimo ou não para se atingir os objetivos deste ideal de sociedade. Detti cita dois dos principais teóricos do anarquismo que representam estes lados antagônicos do anarquismo: Proudhon, que era pacifista, e Bakunin, que defendia o uso da violência.

Tanto Proudhon quanto Bakunin fizeram parte de duas importantes correntes no Anarquismo. O primeiro fazia parte da pacífica em que qualquer mudança social deve ser feita com base na fraternidade e cooperação entre os homens. Bakunin era da outra que acreditava na destruição para modificar sociedade, chegou a participar de atentados. (DETTI, s/d, p. 29)

2.2 Tipos de anarquismo

O anarquismo tem diversas correntes dentro das suas duas principais vertentes, que são: o anarquismo socialista, caracterizado pela associação comunitária e produtiva organizada em cooperativas econômicas, e o anarquismo individualista, definido como rebeldia individual. A crítica do anarquismo individualista em relação ao anarquismo socialista é que, ao se reunir em grupo, seus membros podem vir a exercer autoridade sobre outros grupos ou outros indivíduos, o que descaracterizaria o conceito de anarquismo.

As principais correntes do anarquismo são definidas de formas diferentes, de acordo com as ideias de cada teórico anarquista. As divisões internas do movimento refletem um consenso parcial na abordagem do que seria entendido como anarquismo. Não obstante todos os anarquistas ansiarem por mais liberdade e independência, alguns defendem o Estado mínimo, enquanto outros defendem a extinção do Estado; uns defendem ações anarquistas utilizando-se do aparelho estatal, outros, que isso é avesso à essência do anarquismo; uns defendem a formação de grupos de pessoas com anseios em comum para lutarem por liberdade e negando o Estado, outros, que não é possível que haja grupos nos quais todos têm anseios comuns.

Em virtude dessa variação de pensamentos, podemos agrupar as duas vertentes do anarquismo como:

1 - Anarquismo socialista, que se subdivide em: comunismo; coletivismo; sindicalismo revolucionário; mutualismo, que tem Proudhon como principal defensor;

anarcomunismo; anarquismo pacifista; anarcoprimitivismo; anarquismo religioso; anarcofeminismo; anarquismo social, defendido por Bakunin e Kropotkin; anarquismo cultural, entre outros.

2 - Anarquismo individualista, que engloba o anarquismo filosófico, e não é um movimento social.

Quanto ao anarquismo individualista, vertente que focaremos neste trabalho, queremos destacar os pensadores que foram influenciados pelas ideias de Henry David Thoreau, anarquista individualista norte-americano. Um deles foi Max Nettlau, que declarou que “a mais bela figura deste meio, do ponto de vista libertário, **Henry David Thoreau** (1817–1862), autor de *Walden: my life in the woods* (1854) e do célebre ensaio ‘On the duty of civil disobedience’ (1849)” (NETTLAU, apud FRANCO, 2020), e manifestou grande apreço e simpatia por suas ideias.

Segundo George Woodcock, o anarquismo individualista americano teve origem em duas tradições, sendo o individualismo pertencente à tradição nativa: “O anarquismo americano tem uma dupla tradição – nativa e imigrante. A tradição nativa, cujas raízes remontam aos primeiros anos do século XIX, era fortemente individualista.” (WOODCOCK, 2006, p. 240)

Outros anarquistas individualistas importantes foram Josiah Warren, que fundou algumas comunidades baseadas no mutualismo que assim prosperaram por pelo menos duas décadas e, depois disso, mesmo não mantendo suas características iniciais, também não se extinguiram, mas transformaram-se em vilarejos convencionais com tendências cooperativas; e Benjamin R. Tucker, que:

(...) considerava-se um anarquista científico, e continuou firmemente individualista durante toda a sua carreira, opondo-se tanto às escolas coletivistas de anarquismo – por acreditar que a liberdade era incompatível com qualquer tipo de comunismo – quanto aos defensores da propaganda pela ação, que lhe parecia basicamente imoral. (...) O que separava Tucker e seus companheiros dos imigrantes anarquistas era o culto à violência que marcou e prejudicou o movimento desde o seu início. (WOODCOCK, 2006, p. 248)

Queremos destacar que dentro do anarquismo individualista, nossa atenção se voltará para as práticas não violentas, que são as propostas por Thoreau e, ao que parece, a filosofia de Nietzsche não apresenta estímulos à violência física, como vemos quando declara em *Ecce homo* que “...minha maneira de ser é guerreira. Atacar faz parte dos meus

instintos. **Poder** ser inimigo, ser inimigo...” (NIETZSCHE, 2007b, p. 37), demonstra uma disposição de combate no campo das ideias, pois, adiante o filósofo diz que mesmo no campo das ideias “...eu jamais ataco pessoas...” (NIETZSCHE, 2007b, p. 38), não obstante ter se alistado como voluntário para lutar no exército prussiano durante a Guerra Franco-Prussiana, em 1870.

2.3 Anarquismo individualista

Nosso foco no anarquismo individualista se justifica por entendermos que a individualidade irrepitível da percepção do mundo que caracteriza cada ser humano se impõe como obstáculo a qualquer tipo de associação que prega a uniformização, mesmo que de forma superficial, de comportamentos, de atendimento de necessidades coletivas, de programação de atividades sociais que atendam às aspirações das pessoas entendidas como massa, do controle de horários para realização de atividades, do estabelecimento de rotinas que devem ser seguidas por todos, da massificação das programações culturais, entre outros.

A definição de anarquismo individualista é apresentada desta forma por Norberto Bobbio, em seu *Dicionário de Política*:

Anarquismo individualista (...) apóia (sic) tudo sobre o indivíduo. Este, através do próprio “egoísmo” e da força que dele deriva, afirma-se a si mesmo e à sua própria liberdade mas apenas na condição existencial totalmente privada de componente autoritário, em contraposição e também em equilíbrio com todas as outras forças e egoísmos dos outros indivíduos, únicos na arrancada da ação para alcançar o fim último, que é a realização completa do *EU*, numa sociedade não organizada e independente de todo o vínculo superior. (BOBBIO, MATTEUCCI, PASQUINO, 1998, p. 24)

Mesmo nas obras dos filósofos que não defendiam os ideais do anarquismo individualista, como Proudhon, cuja obra fundamenta o mutualismo, corrente do anarquismo que defende a associação comunitária por cooperativas econômicas, podemos encontrar passagens que reforçam os ideais individualistas. Na seguinte passagem, podemos perceber que os indivíduos estão sempre sujeitos a algum poder que substitui outro, sendo tolhidos do direito de autonomia, de buscar seu próprio modo de viver, de expor sua concepção do que seria viver de forma plena e livre.

O povo, tanto tempo vítima do egoísmo monárquico, julgou libertar-se definitivamente ao declarar que só ele era soberano. Mas o que era a monarquia? A soberania de um homem. O que é democracia? A soberania do

povo ou, melhor dizendo, da maioria nacional. Mas é sempre a soberania do homem posta no lugar da soberania da lei, a soberania da vontade em vez da soberania da razão, numa palavra, as paixões substituindo o direito. (PROUDHON, 1975, p. 27)

Em outra passagem, sendo mais específico em relação à vontade individual, Proudhon evidencia que a justiça e a legalidade, definidas pelos governos para serem aplicadas à coletividade, modificam-se em razão da época histórica e do país onde são impostas, pois alguns povos toleram abusos do governo que outros povos não tolerariam.

É justa a autoridade do homem sobre o homem? Toda a gente responde: Não; a autoridade do homem é apenas a autoridade da lei, que deve ser justiça e verdade. A vontade privada nada conta no governo que se limita por um lado a descobrir o que é verdadeiro e justo para daí deduzir a lei; por outro lado vigia a execução dessa lei. – Neste momento não examino se a nossa forma de governo constitucional satisfaz essas condições; se, por exemplo, a vontade dos ministros nunca se intromete na declaração e interpretação da lei; se os nossos deputados, nos seus debates, estão mais empenhados em vencer pela razão do que pelo número: basta-me que a ideia de um bom governo seja tal como a defino. Esta ideia é exacta (sic): no entanto vemos que nada parece mais justo aos povos orientais que o despotismo dos seus soberanos; que os antigos e os próprios filósofos achavam bem a escravatura; que na Idade Média os nobres, abades e bispos achavam justo terem servos; que Luís XIV pensava dizer a verdade quando afirmou: **O Estado sou eu**; que Napoleão considerava crime de Estado a desobediência à sua vontade. A ideia de justo, aplicada ao soberano e ao governo não foi, portanto, sempre igual à de hoje; foi-se desenvolvendo e concretizando cada vez mais, até que por fim parou no estado presente. (PROUDHON, 1975, p. 31)

O valor da autonomia individual defendido pelo individualismo é preterido por questões coletivas que nunca atendem satisfatoriamente a todos os membros de uma coletividade, tornando, assim, uma utopia a busca do bem comum proposta por qualquer forma de associação, mesmo aquelas que pregam a igualdade de condições de seus partícipes e longe de qualquer forma de hierarquia, pois as decisões tomadas pela maioria, serão, como dito, agradáveis a uma maioria, em detrimento da vontade da minoria, que terá que subjugar-se ao que foi convencido, anulando, portanto, sua autonomia individual para continuar usufruindo das vantagens de pertencer àquela coletividade.

Vemos no *Aurélio - Dicionário Online de Português*, a definição de individualismo:

Tendência de quem pensa somente em si próprio; egoísmo, egocentrismo. [Economia] Sobreposição do valor e dos direitos do indivíduo em detrimento de um grupo ou sociedade. [Economia] Pensamento que incentiva a liberdade individual (iniciativa privada) reduzindo a interferência do Estado. Pensamento ou corrente ideológica que reconhece o valor da autonomia individual, com o objetivo de satisfazer características inatas de um indivíduo

ou em busca da sua liberdade. (<https://www.dicio.com.br/individualismo/>. Acesso em 15 de março de 2020)

Henry David Thoreau foi grande exemplo de anarquista individualista, chegando mesmo a buscar o isolamento da vida em comunidade para experimentar e descobrir o que seria necessário à essência do viver em sua mais básica acepção, sem a influência da construção cultural dos relacionamentos que mascaram o sentido real da vida.

Seria instrutivo levar uma vida rústica e primitiva, mesmo em plena civilização aparente, ao menos para saber quais são as coisas mais necessárias à vida e quais os métodos usados para obtê-las;... (...) Pela expressão *coisa necessária à vida* entendo aquilo que, entre tudo o que o homem obtém com seu esforço, desde o começo foi, ou pelo prolongado uso se tornou, tão importante para a vida humana que nunca ou raramente alguém chega, seja por selvageria, pobreza ou filosofia, a tentar viver sem ela. (THOREAU, 2015, p. 25)

Para realizar seu intento de descobrir o que é essencial à vida, Thoreau se propôs a viver por conta própria e construir uma cabana próxima ao Lago Walden, sendo o próprio provedor das suas necessidades e evitando desejos supérfluos que considerava estarem enraizados na cultura e que impediam os homens de desenvolver a autonomia. Thoreau era crítico da vida em sociedade na qual os homens acostumaram-se a seguir regras e costumes que não eram refletidos, mas que apenas seguiam por tradição ou comodidade, e talvez até por medo ou por um sentimento de aceitação da própria impotência perante o poder constituído, sendo um mero integrante da sociedade que não podia ousar pensar diferente; ou ainda por vergonha de expressar seus verdadeiros anseios por perceber que todos os que se comportam de maneira contrária à multidão, serão ridicularizados e desmoralizados.

As coisas necessárias à vida humana em nosso clima podem ser classificadas de maneira razoavelmente precisa sob as várias rubricas de Alimento, Abrigo, Roupas e Combustível; pois apenas quando dispomos delas é que estamos preparados para enfrentar os verdadeiros problemas da vida com liberdade e alguma perspectiva de êxito. (THOREAU, 2015, p. 25)

Thoreau queria mostrar que o homem pode viver e encontrar a felicidade dispensando tudo que fosse supérfluo; tudo que prendia o homem por vaidade, luxo, sujeição ou comportamentos falsos ditados pelas regras de convivência em sociedade. Thoreau já percebia que o progresso também trazia alguns males para a sociedade, pois desejos supérfluos começaram a ser vistos como necessidades ao ponto de ser difícil distinguir desejos e necessidades, e que a busca por riqueza e comodidade se tornou um objetivo de vida, ficando cada vez mais esquecida a procura pelo crescimento pessoal,

pela convivência harmoniosa, pela liberdade e pela felicidade entendida como algo mais profundo do que a prosperidade material; perspectivas que perderam valor em virtude da corrida pelo enriquecimento, o que causou, por parte do vencedor, o desdém pelo prejuízo sofrido pelo perdedor.

Não só a maioria dos luxos e muitos dos ditos confortos da vida não são indispensáveis, como são francos obstáculos à elevação da humanidade. Quanto a luxos e confortos, os mais sábios sempre levaram uma vida mais simples e frugal do que os pobres. (...) Ninguém pode ser um observador imparcial ou sábio da vida humana a não ser da perspectiva que *nós* deveríamos chamar de pobreza voluntária. (THOREAU, 2015, p. 27)

A pobreza é mostrada como um ponto de vista, pois, os homens da civilização se submetem a um estado de pobreza porque buscam copiar o estilo de vida de outros, e para isso, vivem infelizes e endividados somente por quererem seguir a correnteza; seguir os costumes que a maioria segue para vencer na vida (objetivo que poucos conseguem), enquanto poderiam ter seu próprio estilo de vida, estipulando para si mesmos o que realmente seus desejos aspiram, para, dessa forma, alcançarem a autonomia e a felicidade.

Thoreau quer alertar para o fato de que o sofrimento pela qual passa a massa pobre é quase desejado em virtude da busca por um estilo de vida aos moldes do vivido por aqueles que são abastados, e os pobres não percebem que essa busca traz sofrimento por ser uma vida de lutas diárias, de trabalhos extenuantes e que, ao final, não resultam em prosperidade, o que causa mais sofrimento e desespero; quando se poderia viver de forma mais adequada aos seus meios e satisfação em evoluir como indivíduo que sabe distinguir o supérfluo do necessário, sem desejar um estilo de vida que não é o seu, e perceber a superficialidade e prescindibilidade dos confortos modernos e luxos ausentes de atributos que proporcionam elevação intelectual, no sentido de alcançar o entendimento da natureza humana; pelo contrário, fazem esvair estes atributos em prol de prazeres efêmeros, que cada vez mais vão se tornando ineficazes e por isso têm de ser substituídos por outros; e que mascaram as sutis aspirações provenientes da essência humana em querer entender-se, mesmo às custas de se defrontar com peculiaridades inquietantes do mais profundo âmago da alma (no sentido de consciência).

No estado selvagem, toda família possui um bom abrigo, e suficiente para suas necessidades mais simples e rústicas; mas acho que não é exagero dizer que, se as aves do ar têm seus ninhos, as raposas suas tocas e os selvagens suas tendas, na sociedade civilizada moderna só metade das famílias possui um abrigo. Nas vilas grandes e nas cidades, onde predomina especialmente a civilização, a quantidade dos que têm abrigo próprio é uma parcela muito

pequena do total. Os restantes pagam por essa roupa mais externa de todas, que se tornou indispensável no verão e no inverno, uma taxa anual que daria para comprar uma aldeia inteira de tendas índias, mas que agora contribui para mantê-los na pobreza durante a vida toda. (THOREAU, 2015, p. 41)

Quanto à diferença de condições de vida de pobres e ricos que resultou do processo civilizatório, Thoreau coloca em evidência a aceitação tácita destas condições por parte de todos (os pobres que não procuram se desvencilhar dos grilhões mentais que os prendem à degradação, e os ricos, que poderiam, através de sua influência, buscar mecanismos para erradicar o sofrimento do seu semelhante) que não percebem que os pobres vivem em condições de vida piores do que as que viviam os selvagens que não tinham contato com instrumentos e ferramentas desenvolvidos com o avanço da civilização e que trouxeram mais praticidade e conforto para a vida em geral.

O preço de querer viver em sociedade é sofrer as injustiças infligidas pelas autoridades e pelos dominantes poderosos que legislam pela manutenção deste estado de coisas no qual os favorecidos devem continuar sendo favorecidos enquanto os pobres devem permanecer trabalhando em busca de enriquecimento, mas na verdade, o maior lucro só beneficia quem já é abastado. Por injustiça, sofrida pelos menos privilegiados que insistem em acreditar que suas vidas vão melhorar em um futuro vivendo em sociedade, entendemos as leis que, em vez de serem elaboradas para aplicação por igual a todos da sociedade, são ardilosamente manipuladas para manter os privilégios dos poderosos.

Mas como vive a *minoría* pobre? Talvez se descubra que, na mesma proporção em que alguns homens, nos aspectos externos, foram elevados acima do selvagem, outros foram degradados abaixo dele. (...) O pedreiro que dá o acabamento na cornija do palácio volta à noite para uma choça talvez pior do que uma tenda. É um erro supor que, num país onde existem as habituais mostras de civilização, a condição de uma enorme parcela dos habitantes não possa ser tão degradada quanto a dos selvagens. (THOREAU, 2015, p. 45)

Nesta passagem, Thoreau demonstra como um espírito livre não se submete a nenhum senhor: “Um espírito simples e independente não trabalha sob as ordens de príncipe algum.” (THOREAU, 2015, p. 65). Ele mesmo mostrou ser um espírito livre ao resolver viver isolado, longe de toda interferência da civilização em busca de sua essência, e mesmo quando foi preso, sentiu-se mais em liberdade do que aqueles que tinham o dever de mantê-lo encarcerado; dever atrelado às atribuições do seu trabalho, à sua posição dentro do mecanismo estatal, na qual se submete aos imperativos superiores e pode ser penalizado se falhar na sua obrigação. Ou seja, um cativo do sistema.

A ideia de liberdade para ele, traduzia o desapego dos bens materiais e do estilo de vida vencedora pregado pela sociedade civilizada, mas que, aos que não o alcança, sofrem por terem seus esforços frustrados. “Mas eu dizia a meus semelhantes, de uma vez por todas: Enquanto der, vivam livres e sem se prender. Pouca diferença faz se você está preso a um sítio ou na cadeia do condado.” (THOREAU, 2015, p. 89)

O anarquismo individualista é caracterizado também por um sentimento de independência, tanto em relação a alguém com superioridade hierárquica dentro das entidades formadoras da sociedade, quanto de outro ser humano, na busca solitária por satisfação plena da vida. Thoreau considerava que todos sentiam um leve desconforto na convivência com o outro, por isso fingiam atitudes amistosas entre si por força das imposições sociais e culturais, mas não naturais, então, para suportarem este incômodo, criaram a etiqueta, que, dentre suas normas principais está o respeito à distância e ao espaço reservado ao próximo e à cuidadosa escolha de palavras gentis, com intuito de não ofender ao se dirigir ao outro, pois uns podem compreender equivocadamente alguns gestos ou palavras, o que demonstra a diversidade de consciências com as quais temos de lidar, muito embora estas consciências estejam já formatadas para agir conforme as tradições, sem sequer realizar uma autorreflexão das suas atitudes e objetivos de vida. Por isso, é totalmente inaceitável aceitar pertencer a esta massa uniforme no agir e pensar mecânicos e indiferente às indagações concernentes ao seu próprio ser e seu viver.

Acho saudável ficar sozinho a maior parte do tempo. Ter companhia, mesmo a melhor delas, logo cansa e desgasta. Gosto de ficar sozinho. Nunca encontrei uma companhia mais companheira do que a solidão. (...) O convívio social, geralmente, é banal demais. (...) Tivemos de concordar com um certo conjunto de regras, que se chama etiqueta e cortesia, para que esses encontros frequentes sejam toleráveis e não precisemos entrar em guerra aberta. (THOREAU, 2015, p. 135)

A desobediência de Thoreau aos ditames do Estado, que ele por vontade resolveu descreditar, foi punida com prisão. O filósofo realmente se portou em consonância com sua filosofia de vida ao negar-se pagar imposto a um Estado autoritário que utilizava os recursos arrecadados para realizar projetos desaprovados por alguns contribuintes, como por exemplo, a escravidão. Esta imposição do Estado, se fosse infringida por todos ou pela maioria, acarretaria a prisão de todos? Provavelmente não. O que ocorreria é a mudança das leis de arrecadação ou pelo menos a destinação mais adequada dos tributos recolhidos.

Este exemplo mostra a separação existente entre as mentes superiores e as mentes que são moldadas como massa, pois não conhecem a força que tem para realizar mudanças. Enquanto um só se sujeita a ir para a prisão por se recusar a cumprir uma arbitrariedade, os outros nem ao menos refletem sobre o ocorrido para tomarem como exemplo de resistência contra os responsáveis pelas opressões que sofrem.

(...) fui detido e preso porque, como contei em outro lugar, não paguei um imposto, ou seja, não reconheci a autoridade do Estado que compra e vende homens, mulheres e crianças como gado às portas de seu senado. (...) Nunca fui molestado por ninguém, a não ser pelos representantes do Estado. (THOREAU, 2015, p. 167)

Um homem que atingiu uma elevação intelectual percebe facilmente os grilhões que o aprisionam à uma vida de obediência cega e subjugamento. Até para o homem médio, o homem da massa, é comum encontrar-se em situações de contraposição às regras da tradição, da cultura ou das convenções sociais, então, ele se resigna a acatar a norma e abandonar sua aspiração, em prol da boa convivência, ou pode, muitas vezes quando sabe que não é observado, quebrar o regulamento e se sentir um pouco livre.

Um homem mais sensato é capaz de se encontrar com bastante frequência “em oposição formal” ao que é tido como “as leis mais sagradas da sociedade”, por obedecer a leis ainda mais sagradas, e assim pode testar sua resolução sem sair de seu caminho. (THOREAU, 2015, p. 305)

No livro *A desobediência civil*, Thoreau argumenta, de forma sucinta, como os homens chegariam ao anarquismo através de um processo de desvencilhamento do Estado, com a ressalva de que para se alcançar a anarquia, os homens deverão estar preparados intelectualmente para lidar com a própria liberdade, sempre levando em consideração sua responsabilidade em relação ao convívio com os outros indivíduos. O processo para se chegar ao anarquismo passa por uma diminuição do Estado e uma preparação dos homens para saber lidar com sua própria liberdade. Se o Estado e todas as suas instituições fossem rapidamente extintos, então se instalaria um caos social onde reinaria a violência e abusos de todos os tipos. Sem a preparação intelectual dos cidadãos não há como instalar-se uma forma de sociedade com liberdade plena. E esse caos seria fruto da forma de sociedade que construímos onde uma parcela considerável só age civilizadamente por temer repressão ou exposição vexatória, por isso há os mecanismos de fiscalização e controle, que cada vez mais se consolidam como fatores de harmonia artificial.

“O melhor governo é o que governa menos” – aceito entusiasticamente esta divisa e gostaria de vê-la posta em prática de modo mais rápido e sistemático. Uma vez alcançada, ela finalmente equivale a esta outra, em que também acredito: “O melhor governo é o que absolutamente não governa”, e quando os homens estiverem preparados para ele, será o tipo de governo que terão. (THOREAU, 2013, p. 7)

Assim como Thoreau, Proudhon, mesmo não sendo um anarquista individualista, faz uma crítica aos sistemas de governo, quaisquer que sejam, evidenciando a distorção inerente ao sistema que deveria atender as necessidades dos representados, e que se caracteriza pela demagogia para manter a massa entorpecida enquanto as necessidades atendidas são somente dos representantes. Assim o filósofo protesta:

Nem a hereditariedade, nem a eleição, nem o sufrágio universal, nem a excelência do soberano, nem a consagração da religião e do tempo fazem a realeza legítima. Sob qualquer forma que se apresente, monárquica, obrigárquica (sic), democrática, a realeza ou o governo do homem pelo homem, é ilegal e absurdo. (PROUDHON, 1975, p. 237)

Em outra passagem, Thoreau demonstra sua descrença na execução da vontade do povo pelo Estado ou governo; pois, inevitavelmente, o governo dará prioridade a outros interesses que não sejam os do povo, e este estará sempre prejudicado em seus anseios básicos, que deveriam ser os mesmos do Estado, contudo, não são. “O governo em si, que é apenas a maneira escolhida pelo povo para executar sua vontade, está igualmente sujeito ao abuso e à perversão antes que o povo possa agir por meio dele.” (THOREAU, 2013, p. 8). Analisando superficialmente, podemos concluir que, não obstante os avanços tecnológicos, sociais e econômicos que foram conquistas estatais, ainda há muitas necessidades básicas que já deveriam ter sido extinguidas, até mesmo por serem básicas, em virtude de décadas e mesmo séculos de instalação de alguns Estados, mas o que vemos é que em todos estes Estados há pessoas carentes de assistência dos meios estatais e mesmo em estado de penúria, sofrendo agruras de uma vida negligenciada pelos governos. É possível até levantar a questão da preservação desta situação para justificar a manutenção deste sistema e suas promessas de trazer melhorias, com intuito de amealhar apoiadores para as causas populares durante os pleitos eleitorais.

E mesmo que o governo atenda aos anseios da maioria em dado aspecto, em outros, alguns participantes daquela maioria estarão no grupo minoritário, ocorrendo sempre esta insatisfação das suas aspirações e desesperança nos atos do governo em prol do povo, pois, nem sempre a maioria faz a melhor escolha. É comum e constante o sentimento de que os governos não tomam as melhores medidas nas questões

governamentais e estatais, mesmo alegando que são as melhores escolhas para a maioria, sabemos que há outros interesses envolvidos que não os da população, como os das grandes corporações nacionais e internacionais. Thoreau, então, questiona se não seria possível existir um governo onde as decisões seriam tomadas com base na consciência de que o melhor está sendo feito para toda a sociedade e não como solução para alguns, mesmo que seja a maioria, pois sempre deixará desfavorecida a minoria.

Afinal, a razão prática por que se permite que uma maioria governe, e continue a fazê-lo por um longo tempo, quando o poder finalmente se coloca nas mãos do povo, não é a de que esta maioria esteja provavelmente mais certa, nem a de que isto pareça mais justo para a minoria, mas sim a de que a maioria é fisicamente mais forte. Mas um governo no qual a maioria decida todos os casos não pode se basear na justiça, nem mesmo na justiça tal qual os homens a entendem. Não poderá existir um governo em que a consciência, e não a maioria, decida virtualmente o que é certo e o que é errado? (THOREAU, 2013, p. 10)

Étienne de La Boétie faz uma reflexão corrosiva muito próxima da de Thoreau sobre a insatisfação com o domínio do Estado e forma de combater o império. O filósofo francês não compreende como os homens se deixaram colocar numa situação de completa servidão, a qual ele chama de voluntária. A leitura de La Boétie deixa a impressão perceptível de assombro pelo qual ele passa ao descrever como a situação atingiu um nível tão grave.

Mas o que acontece afinal em todos os países, com todos os homens, todos os dias? Quem, só de ouvir contar, sem o ter visto, acreditaria que um único homem tenha logrado esmagar mil cidades, privando-as da liberdade? Se casos tais acontecessem apenas em países remotos e outros no-los contassem, quem não diria que era tudo invenção e impostura? Ora o mais espantoso é sabermos que nem sequer é preciso combater esse tirano, não é preciso defendermos-nos dele. Ele será destruído no dia em que o país se recuse a servi-lo. (LA BOÉTIE, 2006, p. 8)

Thoreau questiona sobre a razão da recusa em seguir a própria consciência em prol de algum governante: “Deve o cidadão, sequer por um momento, ou minimamente, renunciar à sua consciência em favor do legislador?” (THOREAU, 2013, p. 10-11). Para um anarquista individualista que havia desenvolvido um senso do que considerava a verdadeira liberdade, é inconcebível entender como alguém aliena sua consciência em favor de alguém que, além de não atender aos seus anseios e nem de todos os outros que a ele são subordinados, visto ser isto uma impossibilidade, ainda considera que é a melhor forma de exercício do dever de cidadão. Ele transfere para outro a responsabilidade pela

sua melhoria de vida, abrindo mão de seu próprio ímpeto na busca por ascensão do seu ser, e é a quem ele vai atribuir a culpa pela sua má sorte.

Em outro momento, concordando com Godwin, Thoreau adverte que o sistema anárquico só pode ser composto por homens preparados intelectualmente, e ainda faz uma crítica à ação de uma maioria, que dificilmente optará pela melhor linha de ação nas questões que tratam do direito do governados.

Um homem sábio não deixará o direito à mercê do acaso, nem desejará que ele prevaleça por meio do poder da maioria. Não há senão uma escassa virtude na ação de multidões de homens. (THOREAU, 2013, p. 19)

A liberdade buscada pelo movimento anarquista individualista é demonstrada neste exemplo que Thoreau narra, no episódio de sua prisão, onde o filósofo se questiona se não haveria nada melhor a fazer do que prendê-lo, como se isso fosse fazê-lo sentir-se menos livre e não perceberem que existem muitas formas de prisões a que os homens são submetidos sem perceberem. Causa admiração perceber o elevado estado mental desenvolvido por Thoreau quando se percebe um espírito livre e que ninguém conseguirá abalar sua liberdade.

Não pago imposto individual há seis anos. Por causa disso, certa vez, fui colocado na cadeia por uma noite. (...) Estranhei que ela [instituição que o prendeu] tenha concluído, por fim, que aquele fosse o melhor uso que poderia fazer de mim e que não tenha pensado em aproveitar-se de meus serviços de algum modo. Vi que, se havia um muro de pedra entre eu e meus concidadãos, havia um outro ainda mais difícil de galgar e transpor para que eles pudessem tornar-se tão livres quanto eu. (THOREAU, 2013, pp. 37-38)

Na sociedade moderna, chegamos a um ponto de tal alheamento quanto à realidade que não percebemos as cadeias que nos aprisionam. Já há muito tempo, a televisão, com seus espetáculos e novidades, prendem (não à toa, esta é a palavra usada para designar o fascínio pelas atrações televisivas; a mesma para se referir ao encarceramento do corpo) a atenção do telespectador, que se torna, naquele momento, inerte, sem qualquer reação externa ao que é apresentado, pois a atração televisiva é feita de forma que não dê tempo de reação, porque uma novidade se sobrepõe a outra, seja uma cena chocante, uma fofoca ou um novo produto, e o famoso “gancho” que o programa deixa no ar em relação a alguma ocasião que só vai ser revelada no capítulo do dia seguinte (sendo gancho, mais uma palavra utilizado no sentido de prender). Esta situação ocasiona, inclusive, o compromisso de destinar certas horas do dia para atender ao chamado do programa; nada se faz nestas horas. Atualmente, este tempo destinado ao

mundo virtual se tornou integral com o advento do celular e seus aplicativos, que dispensa maiores explicações do porquê ser uma prisão.

Em relação a algo menos virtual e mais real, podemos citar um exemplo que demonstra uma distorção entre o que é liberdade e o que é obrigação, pelo menos no Brasil: o voto. É um direito, mas é uma obrigação. Não há certa incoerência nisso?

Thoreau deixa clara sua posição de indiferença ao Estado quando expõe seu desejo de afastamento do sistema vigente de sujeição, por se preocupar principalmente com sua condição de liberdade. O protesto que o filósofo praticou não foi compreendido pelos representantes do Estado, nem poderia ser; ele era apenas um. Que relevância poderia ter um inadimplente de impostos? Só sabemos o real motivo de sua recusa através dos seus escritos. Tomamos conhecimento da manifestação quase silenciosa de um único homem, que tinha sede de liberdade, num nível que poucos entenderiam na sua época, e que Thoreau mesmo não tinha total domínio da essência da liberdade, por isso mesmo, ele se isolou para procurar alcançar este entendimento, mas com certeza, sabia que já o tinha bem mais desenvolvido do que seus contemporâneos e conterrâneos.

Não é por nenhum item específico da lista de impostos que me recuso a pagá-la. Simplesmente desejo recusar sujeição ao Estado, afastar-me dele e manter-me à parte de modo efetivo. Não me interessa traçar a rota de meu dólar, mesmo que pudesse, até o ponto em que ele compre um homem ou um mosquete para matar um homem – o dólar é inocente –, mas a mim interessa rastrear os efeitos da minha sujeição. (THOREAU, 2013, p. 46)

Tendo em vista a variedade de correntes do anarquismo, focaremos nossa atenção no anarquismo individualista, que também tem suas variações, portanto, analisaremos a vertente anarcopacifista, representada por Thoreau, e seu princípio de não agressão e soberania individual; filosofia que inspirou os pacifistas Mahatma Gandhi e Martin Luther King, Jr. em suas lutas e protestos pacíficos, demonstrando que o método de não violência funciona, tendo em vista as conquistas que os dois conseguiram, mas que, como era de se esperar, adquiriram inimigos que perderiam privilégios em virtude do acatamento das reivindicações dos protestantes. Um fato em comum na vida dos dois pacifistas foi a forma como morreram. Assassinados pelos incomodados com suas ideias, independente do fato de nunca terem cometido nem estimulado agressão contra os governantes. Eles queriam apenas que os governantes entendessem que a paz seria alcançada pela escolha de atitudes que favorecessem o diálogo em vez da vingança e

retaliação. E também que reconhecessem a igualdade entre os homens, extinguindo a desigualdade de tratamento dispensado às mulheres, aos negros e aos pobres.

Segundo Nicolas Walter, o individualismo é a vertente dominante no anarquismo:

Sempre houve uma tendência muito forte no seio do anarquismo voltada para o individualismo que não se preocupava tanto com a emancipação da sociedade do Estado, mas com a do indivíduo em relação à sociedade. (...) A maioria dos anarquistas condenou a utilização da violência como sendo a expressão extrema da autoridade, mas muitos foram aqueles que aceitaram o princípio da existência inevitável da violência como um dos elementos de toda mudança radical nas sociedades humanas. (WALTER, 2009, p. 7)

Mesmo entre os pensadores do movimento anarcoindividualista, há conceitos divergentes sobre aspectos de fundamento e de atuação, mas existem alguns pontos onde há concordância para a grande maioria dos anarquistas do individualismo, como a centralização da atenção sobre o indivíduo em detrimento de moralidades, ideologias, costumes, religiões ou qualquer forma de uniformização instituída. A ideia de revolução também não é uma pauta do anarquismo individualista em virtude da necessidade de organização, ou seja, da formação de um grupo homogêneo que luta por um objetivo em comum, o que já descaracterizaria o individualismo, e, ao fim, substituiria uma forma de governo por outra, que também não é propósito deste movimento, mas sim, o seu inverso.

A atuação como massa não é a forma de operação do movimento individualista, mas sim, a busca silenciosa por mudanças, em pequenos gestos harmonizados com os princípios básicos desta filosofia de vida, e talvez, influenciar pelo exemplo. Mesmo porque, organizar uma revolução de massa, para depois travar todas as disputas sabendo que haverá ferrenha resistência de todos os lados, e não saber quanto tempo isso vai custar, é uma preciosa perda de oportunidade de mudança de vida, portanto, a revolução individual através de experiências alternativas é bem mais proveitosa. Outro aspecto do individualismo proposto por Max Stirner consiste na reunião esporádica e sem compromisso entre os individualistas em função de colaborações mútuas.

2.4 Estereótipo do anarquista no século XIX

Devido a uma grande reação contra movimentos anarquistas iniciados no final do século XIX, por parte dos governantes, que obviamente se opuseram à extinção do Estado, criou-se um estereótipo do anarquista que podemos perceber até hoje quando alguém se refere a qualquer confusão como “uma anarquia”. Ficou impregnada na

consciência coletiva imagens de arruaceiros e vândalos como anarquistas. Era assim entendido o termo anarquia tanto em razão de ser natural a contraposição ao que é novidade, ao que se propõe a alterar costumes, como por ter incomodado figuras influentes que seriam afetadas negativamente por essas mudanças de costumes, então tratou-se de difamar o movimento anarquista e todos os seus participantes, aproveitando-se das notícias de atos violentos que alguns grupos praticavam em nome do anarquismo, logo, todos seriam violentos. Foi necessário criar esta imagem depreciativa como forma de defesa e de influenciar a todos contra os anarquistas.

A palavra niilismo, assim como anarquismo, tem diversas interpretações. Em uma destas interpretações, niilista é todo aquele que promove agitações políticas. Os niilistas russos foram tomados, por Nietzsche, como anarquistas, em virtude destas agitações com uso de violência e também dos seus ideais terem pontos em comum com os ideais anárquicos. Conforme explicado por João Paulo Vilas Bôas em sua tese de doutorado:

(...) é fundamental não perder de vista que as primeiras menções diretas do termo “niilista” nos textos do filósofo de Naumburg ocorrem em duas anotações póstumas redigidas no verão de 1880 (...) as quais trazem o esboço de uma reflexão que se relaciona diretamente com o contexto das agitações políticas, culturais e sociais da Rússia da segunda metade do século XIX, conforme este foi tematizado pelo escritor russo Ivan Turguêniev em seu romance *Pais e Filhos* e que ficaria posteriormente conhecido como “niilismo russo”. (VILAS BÔAS, 2016, p. 43)

Como vimos, Nietzsche considerava como niilistas todos os que participavam destas agitações políticas, assim como muitos de sua época também consideravam. No caso de Nietzsche, talvez por serem ações feitas em grupo, ou seja, ação de rebanho, conceito com o qual ele definia os agrupamentos que agiam como um só organismo, onde todos pensavam de maneira igual e agiam mecanicamente ao comando de um líder sem refletir sobre os interesses e finalidades das ações.

Mais adiante, Vilas Bôas demonstra como ocorreu a ligação do termo niilista com o anarquista no âmbito da política:

Não demorou muito, porém, para que a natureza corrosiva da palavra niilismo — que invoca diretamente as ideias de negação, destruição e/ou nada — acabasse fazendo com que esse termo extrapolasse o âmbito dos debates filosóficos e passasse a ser empregado também na política, designando certas tendências revolucionárias radicais de rebelião social e ideológica num sentido notadamente pejorativo. Nesse contexto, tanto o hegelianismo de esquerda como algumas vertentes do anarquismo (em especial as ideias libertárias de Proudhon e Bakunin) foram acusadas de serem “niilistas”. (VILAS BÔAS, 2016, p. 45)

O termo niilismo, em sua origem etimológica, do latim *nihil*, que significa nada, pode ser interpretado como perda da confiança nas instituições por aqueles que as consideram como meros embustes que não beneficiam a população, mas continuam sustentados por promessas que nunca serão cumpridas e, por isso, devem ser extintas. É a única forma que alguns grupos acreditavam ser eficiente é a revolução, seja através de atos de desobediência civil ou até ações violentas, no intuito de chamar a atenção para suas reivindicações e para a decadência do sistema, e causar seu colapso, onde seria organizado um novo projeto de gestão.

A ligação do termo niilista com anarquismo feita por Nietzsche, deve-se também aos grupos que realizavam ações criminosas na Rússia na segunda metade do século XIX.

As primeiras menções ao termo “niilista” nos textos do filósofo alemão ocorreram em dois fragmentos datados do verão de 1880, constituindo uma reflexão diretamente relacionada com o contexto das agitações políticas e sociais ocorridas na Rússia durante as décadas de 60 a 80 do século XIX, nas quais diversos grupos de jovens anarquistas radicais – autointitulados “niilistas” – foram responsáveis por ações criminosas com o objetivo de espalhar o terror entre a população e desestabilizar o governo do Czar. (VILAS BÔAS, 2019, p. 90).

Embora houvesse protestos pacíficos, o que chama mais a atenção da imprensa e da população em geral são os atos violentos, justamente por serem os que causam maior preocupação e intranquilidade, portanto, terão maior divulgação e vinculação com o movimento. A imagem do anarquista como vândalo e violento também foi reforçada pela ênfase nesta divulgação das ações criminosas e destruidoras praticadas pelos revolucionários russos, enquanto as manifestações pacíficas não tiveram a mesma cobertura jornalística.

(...) a expressão “niilismo russo”, bem como o adjetivo “niilista” passaram a ser empregados para se referir ao conjunto de ações natureza cultural (sic), política e social promovidas no então Império Russo durante as décadas de 60 a 80 do século XIX por diversos grupos independentes de jovens revolucionários, os quais, agindo em nome de ideais socialistas e/ou anarquistas, objetivavam uma profunda reformulação do *establishment*. A despeito dos niilistas também terem feito uso de meios legais e não violentos para propagandear seus ideais, a imagem que historicamente ficou associada ao niilismo russo foi a da dimensão mais espetacular dos acontecimentos, a saber: uma sucessão de crimes violentos e de atos de destruição e sabotagem com o intuito de desestabilizar o regime czarista, (...) (VILAS BÔAS, 2016, p. 46)

Franco Volpi, em seu livro *O niilismo*, faz uma análise do niilismo, niilismo russo e o entendimento que Nietzsche tinha ao realizar uma correspondência entre anarquismo e niilismo russo.

Aparece, assim, a figura do “niilista” como livre-pensador, contrário a todos os pressupostos, preconceitos e condições estabelecidas e, por isso mesmo, a todo e qualquer valor tradicional, antecipando, pois, o niilista anárquico-libertário, de intensa representatividade nos últimos decênios do século XIX. (VOLPI, 2012, p. 25)

Em outro momento, Volpi descreve como o niilismo passou de debate filosófico para força de influência na sociedade através de atos de rebelião. Era final do século XIX, quando o movimento niilista começou a tomar forma na Rússia, e as ações violentas dos niilistas fizeram com que não fosse mais possível dissociar a violência do niilismo, condição que também se estendeu ao anarquismo, sendo que, só posteriormente surgiria o anarquismo em sua vertente não-violenta.

“No pensamento russo do final do século XIX, o niilismo tornou-se fenômeno generalizado, impregnando toda a atmosfera cultural da época. Para tanto contribuiu, dentre outros fatores, o fato de o termo ter passado a designar um movimento de rebelião social e ideológica, extrapolando o âmbito dos debates filosóficos para penetrar diretamente o tecido social, dinamizando seus componentes anarquistas e libertários, e desencadeando um vasto processo de transformação. (VOLPI, 2012, p. 37)

Uma indicação de que Nietzsche realizou uma interpretação apressada do anarquismo ao compará-lo com o niilismo, pode ser percebido no trecho onde Volpi declara que o filósofo pode ter realizado sua interpretação fundamentado nas suas leituras de Dostoiévski, Bourget e Turguêiev. Inclusive apontando a imprensa como instrumento estatal de doutrinação popular.

Do ponto de vista histórico, não se pode esquecer a atenção para o fenômeno que se espalhou por toda a Europa naqueles anos depois dos atentados na Rússia, que levaram a imprensa e a opinião pública a equiparar o niilismo e terrorismo. Mas o outro motivo que levou Nietzsche a se ocupar intensamente do niilismo e a interpretá-lo à sua maneira foi, sobretudo, a leitura de Paul Bourget e Dostoiévski, além do já citado *Pais e filhos* de Turguêiev. (VOLPI, 2012, pp. 44-45)

O niilismo incompleto, citado por Volpi, consiste no movimento que visa apenas substituir os valores antigos por novos. Neste sentido, Nietzsche realiza sua comparação do niilismo com o anarquismo, não considerando as prováveis diferenças entre os dois movimentos.

Nessa fenomenologia de Nietzsche, o niilismo incompleto manifesta-se em diversas áreas e formas: (...) b) na esfera política, o niilismo incompleto revela-se como nacionalismo, chauvinismo, democratismo, socialismo e anarquismo (o niilismo russo); (...) (VOLPI, 2012, p. 61)

Um exemplo da imagem depreciativa dos niilistas construída para difamar o movimento niilista, e posteriormente, por analogia, o movimento anarquista, é a reportagem do jornal americano *The New York Times*, de 1878, onde são descritos o caráter e os objetivos do movimento niilista de forma equivocada, compreendida aos moldes da personagem Bazárov, do romance *Pais e filhos*.

A reportagem:

OS NIILISTAS. – A vasta associação dos Niilistas é mais abrangente em seus objetivos e mais minuciosa em seus princípios do que os Anabatistas de Leiden ou os Niveladores e os Homens da Quinta Monarquia, que lutaram e marcharam sob protesto no exército de Cromwell. Seu único desejo é de fazer uma limpeza geral de todas as instituições humanas e testar a sorte do que pode se seguir daí. Apenas lhes dê licença para destruir e a reconstrução pode se revelar praticável, ou não; mas em todo caso o mundo será sacudido para fora de suas antigas bases e posto à deriva de seu antigo atracadouro. Sem mais autoridade, seja de padre ou Rei, de militar ou policial. Sem mais propriedade, seja em um acre de batatas ou em um domínio principesco. Religião, aprendizagem, ambição, vida familiar são obstáculos a tão gigantesca mudança. Liberte-se de tudo isso, dizem os exasperados apóstolos deste obscuro credo, e então o novo milênio da negação universal tomará seu curso irrefreado! Que o niilismo venha a contar milhões de russos entre seus convertidos não é muito surpreendente, uma vez que não se pode esperar de um campesinato ignorante — escravos até pouco tempo atrás e acostumados desde a infância a um rude comunismo tribal — a apreensão das verdades da economia política. Tampouco temos que nos admirar se condes e barões, escritvães, capitães e funcionários civis — genuinamente fartos de um despotismo opressivo que interfere com tudo e não melhora nada — vierem a se tornar companheiros de conspiração com esse “povo negro” (...). Até mesmo niilistas educados talvez alimentem uma vaga esperança de que alguma ordem possa evoluir a partir do caos que virá, e de que o novo sistema poderia ser mais do gosto deles do que o domínio de um despotismo sufocante. O verdadeiro motivo de assombro é que tantos alemães — superiores em cultura e em potência cerebral aos seus vizinhos de cara achatada (*flat-faced*) de além do Niemen — devam ter aprovado a si próprios como alunos — um tanto aptos demais — nesta escura e funesta escola que tem sua origem na Rússia. Nada senão uma reação violenta contra exercícios militares, burocracia e pedantismo pode explicar a repentina adesão de tantas miríades de teutões obstinados e pensativos a uma fé que não é dourada por quaisquer esperanças brilhantes nem rodeada por ilusões rosadas e que oferece, na melhor das hipóteses, um prospecto de sucesso não mais elevado que aquele de um conjunto de moleques amotinados que conquistaram o triunfo de rasgarem seus livros e barrarem a entrada do mestre-escola. Infelizmente, contudo, enquanto os moscovitas se contentam em sonhar, os alemães às vezes agem, e uma seita armada e agressiva de zelotes revolucionários prontos a explicar suas doutrinas com fuzil e revólver pode, por fim, compelir a sociedade a uma indesejada defesa de seus próprios princípios. (*The New York Times*, 01 set. 1878, p. 4. Disponível em: <http://query.nytimes.com/mem/archive->

free/pdf?res=F40612FF3E5A127B93C3A91782D85F4C8784F9. Acessado em 07/04/2016, apud VILAS BÔAS, 2016, pp. 55-56)

Um anarquista que contribuiu para a construção deste estereótipo foi o francês François Claudius Koëningstein, mais conhecido como Ravachol, nome de solteira de sua mãe, que ele adotou após o pai abandonar a família. Ravachol não impunha limites para os atos criminosos, que começou praticando para alimentar sua família que passava por necessidades básicas, em virtude de não conseguir emprego ou de conseguir apenas trabalhos mal-remunerados, e depois, em prol da causa anarquista, ter cometido assassinatos e ser levado à prisão.

A imprensa utilizava das notícias de ações violentas de alguns anarquistas radicais para destruir os ideais do anarquismo, influenciando a opinião pública. As imagens publicadas da prisão de Ravachol no *Le Petit Journal*, de 16 de abril de 1892, demonstram alguma incongruência na ação. Um jornal mostra uma cena de violência e resistência à prisão, sendo necessários quatro homens para segurá-lo, entre eles, um armado de revólver, enquanto o próprio Ravachol também portava um revólver. Conforme vemos na figura 1.

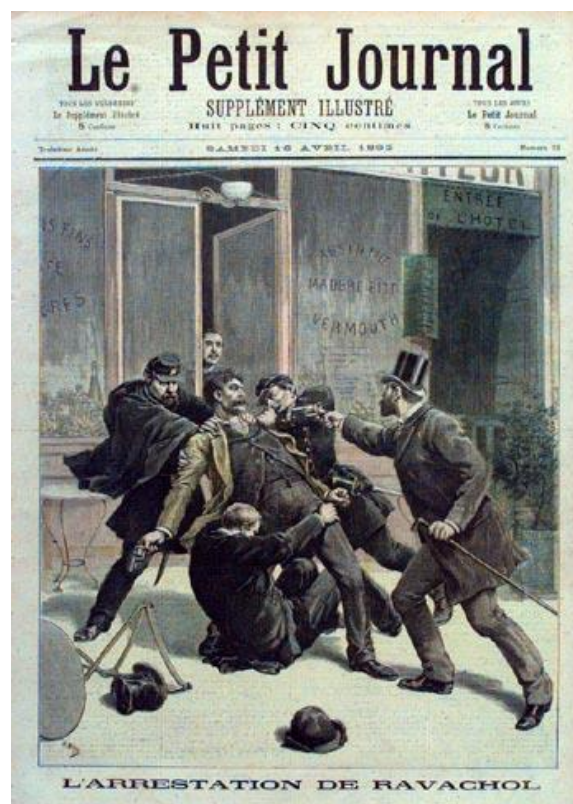


Fig. 1. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Ravachol_-_Arrestation.jpg. Acesso em 23 de março de 2020.

Outro periódico, *Le Progrès illustre*, de 10 de abril de 1892, publicou uma cena menos dramática e violenta, onde três homens seguram Ravachol, um deles com o revólver apontado para Ravachol, que está desarmado. Conforme figura 2.

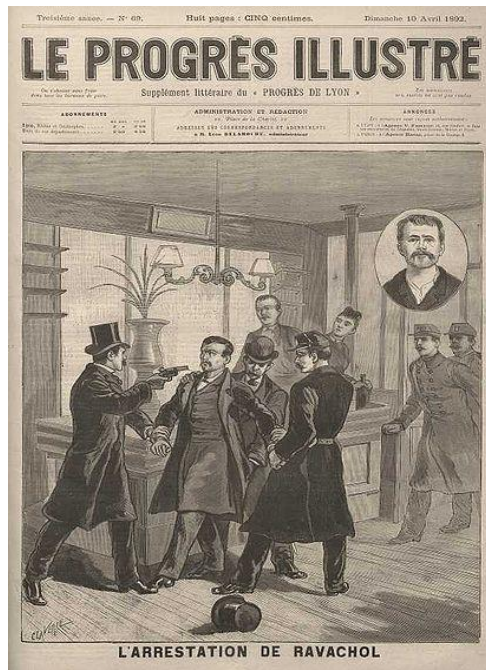


Fig. 2. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Arrestation_de_Ravachol.jpg. Acesso em 23 de março de 2020.

Em 7 de maio de 1892, o *Le Petit Journal*, publicou um desenho encenando o depoimento de Ravachol à polícia, no qual pode ser observado que ele está prestando declarações de forma argumentativa, e os policiais prestando atenção ao que ele diz, e não como um louco sem controle, como mostrado pelo mesmo jornal quando retratou o momento de sua prisão. Conforme figura 3.

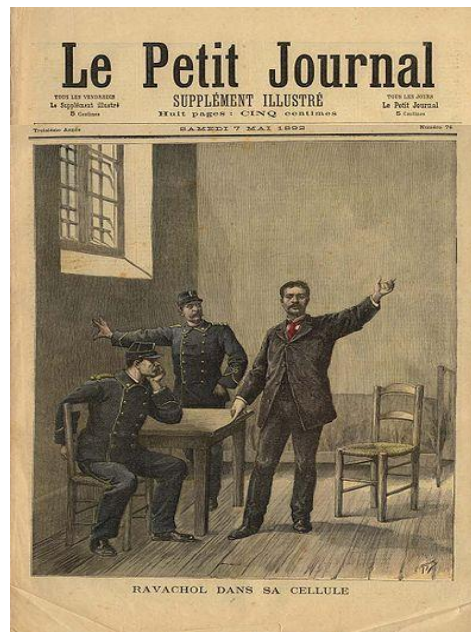


Fig. 3. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Ravachol_-_Interrogat%C3%B3rio.jpg. Acesso em 23 de março de 2020.

Outro caso que marcou a história dos anarquistas de forma a alimentar a repulsa a qualquer manifestação anarquista foi o assassinato do presidente dos Estados Unidos, McKinley, em 1901, por um polonês chamado Leon Czolgosz, que não era ligado a nenhum movimento anarquista, mas afirmou no seu julgamento que era anarquista. Isso suscitou uma lei, no governo de Theodore Roosevelt, sucessor de McKinley, que proibia a entrada nos Estados Unidos de refugiados políticos por motivo de anarquismo, critério que não era analisado até então; como nos relata Woodcock, “Czolgosz tornou-se o anarquista típico”, (WOODCOCK, 2006, p. 253).

Outros contribuíram para a construção desta imagem negativa no anarquismo, principalmente os teóricos que pregavam a revolução através de violência e atentados, como um dos primeiros teóricos anarquistas radicais, o russo Mikhail Bakunin.

Woodcock, no livro *Histórias das idéias e movimentos anarquistas*, relata que por ocasião do Congresso de Bruxelas de 1891, realizado pelos socialistas, os anarquistas, que tentaram participar, mesmo sem serem convidados, foram expulsos por serem considerados dispensáveis e por não terem ideias que contribuíssem com o debate, sendo mesmo, avessas aos ideais socialistas, entretanto, foi admitida a presença do anarquista holandês Ferdinand Domela Nieuwenhuis, que, segundo Woodcock, foi quem “(...) deu início à tendência pacifista no movimento anarquista (...)” (WOODCOCK, 2006, p. 32).

Como definido anteriormente, nosso foco é detalhar o anarquismo individualista, em sua proposta não violenta, para, assim, evidenciar similaridades com a filosofia de Nietzsche, o que passaremos a tratar em seguida.

3. SOBRE AS IDEIAS DE NIETZSCHE

3.1 Elogio e defesa do individualismo

O individualismo é um conceito bastante criticado pelo senso comum, pois está intimamente ligado ao egoísmo e ao antissocial. O que é valorizado hoje em dia é o trabalho em grupo em prol de um objetivo, o espírito de equipe, a união que faz a força e a cooperação mútua necessária para atingir metas do coletivo. Se alguém se diz individualista, já é considerado um anormal, que só olha para o próprio umbigo. Mas individualismo é necessário a todos em algum momento, pois cada um tem sonhos próprios que só serão realizados através do esforço individual, pois, muitas vezes, o outro além de não ajudar, tentará atrapalhar o percurso em busca dessa realização. Por isso, o individualismo se torna importante; mais para uns, menos para outros.

Por diversas vezes Nietzsche criticou de alguma forma a formação de grupos, os ajuntamentos, pois dava muita importância ao isolamento, ao crescimento individual através da análise independente dos acontecimentos. O filósofo alemão considerava que poucos são os gênios, os espíritos livres; que a grande massa é composta por pessoas comuns, iguais, que não tem anseio por evolução pessoal, por liberdade, pois nem percebem o quanto são cativos da ordem dominante, em suma, pelo rebanho, que pode ser tangido de acordo com o capricho dos mandantes que utilizam como instrumento de dominação as necessidades mais básicas deste rebanho, por isso, a massa é mantida carente para continuar dependente dos que chegam ao poder.

A massa compõe a maioria e isso é uma vantagem em relação à minoria dos fortes, termo pelo qual Nietzsche se refere aos homens que se libertaram das convenções limitadoras dos pensamentos ordinários e se tornaram espíritos livres, autônomos. E por serem a maioria, inevitavelmente alcançarão cargos de mando, de onde farão sofrer tantos os seus iguais, e mais ainda as mentes esclarecidas, que, por terem ciência das consequências de atitudes impensadas, saberão quais males trarão as decisões irrefletidas das mentes obtusas.

Consequentemente, todo esse processo viciado impede a evolução do conhecimento humano e do indivíduo em si. Para Nietzsche, “As espécies não caminham para a perfeição, os débeis acabam por se converterem em senhores dos fortes por que têm em seu favor o número e também são os mais astutos.” (NIETZSCHE, 2001a, p. 64),

e assim, podemos fazer um paralelo com o que estabelece o anarquismo individualista, onde o indivíduo age isoladamente, e que, por princípios muito particulares, não necessita nem deseja alcançar seus objetivos através de formação de grupos, por ter a ciência que não há outros que tenham as mesmas aspirações que ele.

Em relação ao egoísmo, embora o anarquismo individualista trate de uma forma um pouco diferente da abordagem de Nietzsche, como uma atitude de afastamento para cuidar da própria vida, do próprio crescimento intelectual, espiritual e político, sem criticar quem deseja realizar ações filantrópicas, há uma semelhança na defesa deste sentimento, pois Nietzsche escreve no *Crepúsculo dos ídolos*:

Crítica da moral da decadência – Uma moral altruísta, uma moral em que se debilita o amor de si mesmo, é, de qualquer maneira que se considere, uma coisa má. (...) Falta o melhor quando começa a faltar o egoísmo. (NIETZSCHE, 2001a, p. 76)

Devemos distinguir como Nietzsche conceitua egoísmo, diferente do egoísmo como é entendido pelo senso comum; aquele que é característico do interesseiro que se nega a dividir seus pertences, mas sim, como o sujeito que busca o seu próprio crescimento sabendo que não é aderindo a um grupo e às suas ideias, com intenção de adquirir sabedoria, que conseguirá alcançar evolução pessoal e autonomia. Pelo contrário, quanto mais preso às ideias do grupo, menor será a possibilidade de alcançar a liberdade autêntica. Desse modo, para o filósofo, egoísta é aquele que busca seu progresso pessoal evitando convicções formuladas por outros, e nunca deixa de investigar por seu próprio discernimento, isento de interferências alheias, as circunstâncias que lhe são apresentadas, para se chegar a uma resolução propriamente sua.

Nietzsche via a abnegação humana como um problema, pois ao agir sem egoísmo, como era entendido por ele, há um desinteresse por si próprio, o que ocasiona o apequenamento do ser. Entendemos que o filósofo não se refere ao ato de assistir o próximo que está passando por estado de necessidade mínima para ter uma vida digna, mas, sim, a uma moral altruísta, ou seja, aquele que dedica sua vida inteira a buscar o progresso de outros e negligenciando a si próprio.

Poderíamos arriscar a citar exemplos para ilustrar o pensamento do filósofo alemão para tentar entender seu ponto de vista: um assistente bajulador, aquele que está disponível ao chamado do chefe a qualquer momento e quanto mais se antecipar ao que ele desejará, melhor será elogiado; um religioso humanitarista que emprega todo seu

tempo em prol dos necessitados, que, não deixa de ser um sacrifício louvável, digno de admiração e congratulações, mas que, para ele próprio, não traz desenvolvimento de sua sabedoria e autonomia; ou também aquele típico mordomo ou a típica empregada que moravam na casa dos patrões e estavam prontos para atender qualquer chamado de algum membro da família.

Quando à igualdade, Nietzsche considera como característica de uma civilização decadente, pois nega as diferenças naturais que há em cada homem, principalmente entre os fortes e os fracos. É justamente a desigualdade que propicia alcançar a autonomia para aquele que exercita sua inteligência; não se submete a uma autoridade, enquanto o fraco despreza sua própria liberdade e escolhe viver, por acomodação, controlado por diversos mecanismos de domínio.

Mais uma vez, Nietzsche defende a diferença inerente a cada sujeito, demonstrando que não é possível haver igualdade, portanto, não há possibilidade de reunião de iguais, pois se as há, o que ocorre, na verdade, é renúncia da individualidade ou falta de percepção das diferenças. Não há outro destino para uma civilização onde a maioria é composta pelo rebanho que não seja a decadência, mesmo com aparência de progresso. A tentativa de igualar os homens é impossível, em virtude da distinção natural, sendo essa distinção definida pelo filósofo como o *pathos das distâncias* (ou *patos*, conforme a tradução de Edson Bini e Márcio Pugliesi). A fortaleza intelectual, a elevação mental e psíquica só são possíveis com a aceitação da heterogeneidade de personalidade e exercício dos atributos inerentes à individualidade. A tentativa de igualar e uniformizar os indivíduos levará a deterioração de qualquer sociedade, em razão de ser necessário criar cada vez mais leis para regular os cenários gerados pelos inumeráveis e diversificados anseios particulares, contudo, esta profusão de leis não alcançará o objetivo de encontrar o equilíbrio almejado, pelo contrário, gerará cada vez mais insatisfação e revolta, propiciando assim, a derrocada do sistema institucional. Assim Nietzsche se expressa:

A igualdade, certa assimilação afetiva que se manifesta na teoria da *igualdade de direitos*, pertence essencialmente a uma civilização decadente; os abismos entre homem e homem, entre uma classe e outra, a multiplicidade de tipos, a vontade de ser cada um algo, de distinguir-se, o que denomino o *patos das distâncias*, é o que é próprio das épocas fortes. (NIETZSCHE, 2001a, p. 80)

Como vimos antes, o equívoco de equiparar niilistas e anarquistas, também foi cometido por Nietzsche, que teceu diversas críticas ao anarquismo em seus escritos, provavelmente em virtude da diversidade interpretativa do conceito de niilismo e das variadas vertentes anárquicas. Portanto, como muitos em sua época, o filósofo desconhecia de fato o pensamento anarquista, e criticava a imagem estereotipada do anarquista.

No aforismo 202, de *Além do bem e do mal* (NIETZSCHE, 2001b, p. 114), (como em várias outras ocasiões de sua obra), o filósofo alemão critica o tipo de homem “de rebanho”, e que possui “instintos gregários”, realizando desta forma, uma crítica ao homem componente da massa, dando a entender que é o homem autônomo, que age por conta própria e não prescinde de sua liberdade, que terá condições de ser verdadeiramente livre, o que podemos fazer um paralelo com o anarquista individualista.

3.2 Caracterização que Nietzsche faz dos anarquistas em sua época

Nietzsche trabalha o conceito de ressentimento no livro *Genealogia da moral*, estabelecendo que esta mágoa é própria dos fracos, que se sentem lesados pelas conquistas dos fortes. Entendendo os anarquistas como um desses grupos de magoados, Nietzsche faz uma correspondência entre estes e os antisemitas.

– Agora uma palavra negativa sobre as tentativas recentes de buscar a origem da justiça num terreno bem diverso – o do ressentimento. Antes direi no ouvido dos psicólogos, supondo que desejem algum dia estudar de perto o ressentimento: hoje esta planta floresce do modo mais esplêndido entre os anarquistas e anti-semitas (sic), aliás, onde sempre floresceu, na sombra, como a violeta, embora com outro cheiro. (NIETZSCHE, 2007a, p. 62)

Este é mais um atributo negativo que Nietzsche confere aos anarquistas. Em certa medida, o filósofo não está errado, tendo em vista que, como já foi citado, as notícias que se espalhavam acerca das ações anarquistas davam conta apenas dos protestos violentos e perturbações públicas, que eram tomadas apenas como vandalismo e poucos tinham interesse em descobrir a motivação dos grupos anárquicos e mesmo os que analisavam suas reivindicações, consideravam como loucura de um grupo de arruaceiros pretenderem destituir os governantes e derrubar a estrutura socialmente construída. E compreendiam ainda menos as concepções de desagregação da sociedade pregada pelo anarquismo individualista. A ignorância do assunto gerou esta aversão.

Não obstante sua repulsa pelo anarquismo em geral, Nietzsche se posicionava em diversas ocasiões em prol do homem autônomo, o próprio “além-do-homem”, que transvalorou todos os valores e não podemos imaginar este novo homem como um ser dominado por quem quer que seja; se posicionava contra o indivíduo do rebanho, contra o instinto gregário, contra a criatura mediocrizada e massificada do último homem, tendo tudo isso muita correspondência com os anseios do anarquista do individualismo.

Em seu discurso, Zarathustra, no intuito de alertar os ouvintes a respeito do futuro sombrio da humanidade que não dá mostras de intenção de reverter sua atitude em todos os aspectos degradantes da vida, apresenta o conceito do último homem, como o resultado final daquele ser gregário, que se deixou dominar pelo sistema e chegará ao ponto de não poder mais retornar a um estágio de esperança de se livrar dos grilhões que o domina de todas as formas; o que seria o oposto do conceito de “além-do-homem”. Em uma das primeiras referências ao último homem, Nietzsche vaticina:

Ai de nós! Aproxima-se o tempo em que o homem já não dará à luz nenhuma estrela. Ai de nós! Aproxima-se o tempo do homem mais desprezível, que já não sabe desprezar a si mesmo. Vede! Eu vos mostro *o último homem*. (NIETZSCHE, 2001, p. 18)

A título de ilustração, podemos citar algumas passagens dos escritos de Nietzsche onde ele faz referência de forma negativa aos anarquistas, percebendo que não encontramos críticas ao individualismo anarquista.

No prefácio de *Aurora*, o filósofo afirma que os anarquistas utilizam da moral para convencer e que ainda alegam serem bons e justos:

De fato, há muito tempo que a moral conhece toda espécie de loucuras na arte de persuadir: ainda hoje, não há orador que não se dirija a ela para lhe pedir ajuda (basta, por exemplo, ouvir nossos anarquistas: como falam moralmente para convencer! Chegam até a chamar-se a si próprios “os bons e os justos”). (NIETZSCHE, 2013a, p. 20)

Também em *A gaia ciência*, Nietzsche trata os anarquistas como fracassados, deficientes e deserdados, muito embora levante também a questão de que o desejo de destruição pode ser a força que trará o futuro de mudanças, de novidades, como pode ser apenas de ruína.

O desejo de destruição, de mudança, de devir, pode ser a expressão da força superabundante, grávida de futuro (meu termo para isso é, como se sabe, a palavra “dionisiaco”), mas pode ser também o ódio do ser fracassado, do deficiente, do deserdado que destrói, que é forçado a destruir porque o estado de coisas existente, todo estado de coisas, todo ser mesmo, o revoltam e o

irritam – para compreender essa paixão é preciso olhar de perto nossos anarquistas. (NIETZSCHE, 2013b, pp. 404-405)

Nietzsche tinha uma habilidade de realizar críticas sobre diversos assuntos, como arte, educação e política, nas quais não se melindrava em tecer provocações em pontos que ninguém imaginaria que fosse motivo de desaprovação. Talvez por esse incômodo que provocava, sua filosofia não foi bem estimada no seu tempo. Ele mesmo tinha convicção de que, assim como Zaratustra, cujo discurso não era entendido pela massa ouvinte, seus livros não eram compreendidos por seus contemporâneos, e que, portanto, somente no futuro, haveria quem entendesse o que ele escrevia. Por isso, Nietzsche se declarava um “homem póstumo”. Em relação a sua crítica ao anarquismo, podemos concordar com ele em virtude de que o movimento anarquista não realizou grandes conquistas, então, sua censura a este sistema talvez fosse embasado em uma análise histórica, na qual não há registro de uma comunidade anarquista que tenha se desenvolvido, e Nietzsche via como causa disso a inapetência do homem em atingir tal grau de organização, e mesmo todo avanço científico que já se vislumbrava na sua época não seria fator determinante para o aperfeiçoamento do homem e suas relações.

O homem tem uma necessidade natural de buscar apoio no qual deposita suas crenças e onde busca inspiração para responder às questões existenciais que por ventura venham passar pela sua mente em algum momento de sua vida, ou para as quais ele não tem preparo intelectual e nem sabe onde buscar por respostas; apoio este que tem a função de preencher esta lacuna. Por isso, alguns se apegam ao espiritualismo fervoroso das religiões, outros dão crédito incondicional às respostas fundamentadas nas ciências, como única fonte de certezas, e ainda outros, desprendidos de qualquer espiritualidade ou transcendência e sem disposição para se dedicarem à pesquisa científica em busca de decifrar o sentido de suas inquietações íntimas, preferem reprimir esses pensamentos incômodos aderindo a um estilo de vida na qual suas preocupações são apenas desfrutar o momento, mesmo que seja com prazeres efêmeros; o que vale é se “distrain”, fugir da crua realidade com suas cenas de violência, horror ou sofrimento; virar as costas para tudo que seja desagradável ao seu bem-estar, escondendo-se numa bolha.

Assim, Nietzsche critica esse medo da vida real, essa fraqueza que evita entrar em contato com o que é natural, agarrando-se a superstições e outros embustes. Entre esses fracos, o filósofo inclui o anarquista, equiparando-o ao ressentido e ao mal-humorado.

Esse indivíduo fraco, criticado por Nietzsche não pode ser comparado ao anarquista individualista, pois este está justamente buscando se desprender que quaisquer amarras, sejam físicas, de contratos ou de vícios. Ele quer entrar em contato com sua natureza mais profunda possível para buscar o entendimento pelo menos de si próprio.

Alguns têm ainda necessidade de metafísica; mas esse impetuoso desejo de certeza que se descarrega hoje ainda sob as formas científicas e positivistas nas grandes massas, esse desejo de ter a qualquer custo alguma coisa de sólido (enquanto que o calor desse desejo impede de dar importância aos argumentos em favor da certeza) é também ele o desejo de apoio, de suporte, em resumo, esse instinto de fraqueza que, se não cria religiões, pelo menos os conserva. É um fato que em torno de todos esses sistemas positivistas se eleva a fumaça de um certo sombreado pessimista, algo como a fadiga, o fatalismo, a decepção ou o temor de uma nova decepção – ou ainda a exibição do ressentimento, do mau humor, do anarquismo exasperado e outros mascaramentos do sentimento de fraqueza. (NIETZSCHE, 2013b, pp. 357-358)

Ainda n'A *gaia ciência*, a fé é criticada como uma substituta da vontade, da sede de viver plenamente e livre, através de seu próprio impulso vital em prol da conquista da sua autonomia. Quando esta vontade esmorece, o homem está suscetível e vulnerável a todo tipo de doutrina oportunista que o levará a alienação e passará a agir somente conforme o novo dogma consentido. Isso ocasionará a submissão a alguma espécie de comandante, na verdade, diversos comandantes, pois, onde estiver o homem que perdeu sua vontade, achará alguém com ânsia em dominá-lo.

E o pior é que ele mesmo deseja este domínio, pois tem medo de se achar livre e não saber o que fazer da própria liberdade. Uma descrição aproximada do homem que se abstém de sua própria liberdade para viver voluntariamente como servo dos dominantes, tratada por La Boétie, no seu livro *Discurso da servidão voluntária*, e oposta à imagem do homem que renuncia à sua posição de contribuinte do Estado autoritário e hipócrita e se aparta da sociedade para atender seu anseio por liberdade e enaltecimento de si mesmo como ser, abordada por Thoreau, em *Walden* e *A desobediência civil*.

A fé é tanto mais requerida, a necessidade de fé [é] tanto mais urgente quanto mais faltar vontade: de fato, a vontade como paixão do mando é sinal distintivo da soberania e da força. Isso significa que, quanto menos alguém sabe comandar, mais violentamente aspira a alguém que ordene, que comande com severidade, a um deus, um príncipe, um Estado, um médico, um confessor, um dogma, uma consciência de partido. (NIETZSCHE, 2013b, p. 358)

É uma constante na obra de Nietzsche a referência ao homem forte, que supera a si mesmo e às tentações que afligem os fracos. Há sempre essa comparação entre fortaleza e fraqueza, com a evidente exaltação do forte O homem forte tem inclinação pelo que

opõe resistência e nem sequer perde seu tempo com o que não o desafia. E quanto mais ele trava esta batalha contra a aspereza desenvolvendo sua austeridade, mais potente se sente. O forte não suportaria viver de conquistas brandas, que não lhe instigariam qualquer sentimento de superação. Ele sente-se venturoso no momento em que é submetido a uma provação; quando tem de afrontar um obstáculo que, ao ser transposto, lhe trará entusiasmo e fervor. O fraco evita o desafio, principalmente se tiver que encarar sozinho, por isso, estima tanto o agrupamento, a agregação, pois só assim, se sentirá seguro para enfrentar as agruras da realidade, que é, em última análise, a própria vida, pois esta é composta regularmente de adversidades. Desistir é uma constante na vida do fraco, enquanto o forte nunca se esquiva dos empecilhos que se lhe apresentam. O filósofo até cita o ofício, o comércio e até boa parte da arte como atividades dos medíocres que apenas realizam estas atividades mecanicamente.

Nietzsche poderia estar descrevendo o anarquista individualista, que evita o conforto proporcionado pelo progresso da civilização, preferindo exercitar o desapego material e das relações em favor da procura da felicidade genuína que só alcançará através da liberdade genuína. E mesmo assim, ele inclui entre os medíocres, os anarquistas. Será que Nietzsche realizaria tal crítica se tivesse em mente a filosofia do anarquista individualista? Pois sua descrição do forte, o qual ele exalta n' *O anticristo*, guarda uma estreita simetria com o individualista.

Os homens mais inteligentes, sendo os mais fortes, encontram sua felicidade onde outros encontrariam apenas desastre: no labirinto, na dureza para consigo e para com os outros, no esforço; seu prazer está na auto-superação (sic); (...) Consideram tarefas difíceis como um privilégio; para eles é um entretenimento lidar com fardos que esmagariam todos os outros... (...) Uma civilização elevada é uma pirâmide: somente subsiste com uma base larga; seu pré-requisito é uma mediocridade sã e fortemente consolidada. O ofício, o comércio, a agricultura, a ciência, grande parte da arte, em suma, toda a gama de atividades ocupacionais, são apenas compatíveis com a mediocridade no poder e no querer; tais coisas estariam fora de seu lugar entre homens excepcionais; o instinto necessário encontrar-se-ia em contradição tanto com a aristocracia como com o anarquismo. O fato de o homem ser publicamente útil, uma engrenagem, uma função, é evidência de uma predisposição natural; não é a sociedade, mas o único tipo de felicidade de que são capazes, que faz deles máquinas inteligentes. Para os medíocres a felicidade é a mediocridade; possuem um instinto natural para dominar apenas uma coisa, para a especialização. (NIETZSCHE, 2002, LVII)

O homem que foi moldado para agir como máquina, para ser especialista apenas, não passa de um medíocre para Nietzsche. Ser útil a uma sociedade decadente é se equivaler a um nada, por isso, ruirá junto com a sociedade em seu auge de degeneração.

Logo em seguida, a crítica nietzscheana continua direcionada ao anarquista, desta vez comparando-o com o cristão, onde ele declara que ambos buscam destruir tudo o que foi conquistado pela civilização. Obviamente, Nietzsche realiza esta censura tendo ainda em mente a concepção do paralelismo entre o niilismo russo e o anarquismo, já exposta anteriormente, não esquecendo que são conceitos predominantemente aceitos na época. O anarquista individualista, por outro lado, não tem interesse na destruição de nada edificado pela sociedade; mas apenas o afastamento, por ter a compreensão de que o sistema malogrará por si próprio, bastando que os homens interrompam o fluxo de recursos e serviços de cooperação que o sustentam.

Há uma perfeita consonância entre o cristão e o anarquista: seus objetivos, seus instintos, direcionam-se somente à destruição. (...) O cristão e o anarquista: ambos são decadentes; ambos são incapazes de qualquer ato que não seja dissolvente, venenoso, degenerativo, hematófago; ambos têm por instinto um ódio mortal contra tudo que está em pé, tudo que é grande, tudo que é durável, tudo que promete futuro à vida... (NIETZSCHE, 2002, LVIII)

Essa analogia entre o cristão e o anarquista, como destruidores das estruturas da sociedade, aparentemente se deve à repulsa às descobertas da ciência, por parte dos cristãos, e ao desmantelamento das instituições governamentais, por parte dos anarquistas, e esse interesse na destruição, seria motivado por se considerarem como preteridos, em relação aos vencedores, nas conquistas realizadas por estes, e, ao não poderem ter o mesmo sucesso, procuram arruinar tudo para que todos sejam igualados na miséria e na decadência.

Emendando esta crítica do filósofo alemão, é forçoso mencionar que os cristãos não objetivam a destruição total das instituições, em razão de sua igreja também ser uma delas, portanto, o cristão intenta a eliminação de qualquer outra instituição que se contraponha à doutrina da igreja. O anarquista, por sua vez, realmente empenha-se na extinção do Estado, mas, como vimos antes, em suas diversas vertentes, podemos encontrar anarquistas que buscam esta extinção com o intuito da construção de outra forma de gestão, assim como outros, como o anarquista individualista, objeto de nossa análise, não realiza ações diretas que ocasionem o colapso do Estado; ele apenas deseja que este entre em decadência justamente pela inação dos indivíduos.

N’*O crepúsculo dos ídolos*, capítulo *Passatempos intelectuais* (que em outras traduções consta como *Incursões de um extemporâneo*), aforismo 34, Nietzsche também

faz a comparação entre cristãos e anarquistas, que citamos aqui apenas para reforçar o quanto ele desprezava e qual a concepção que o filósofo tinha destes dois segmentos.

Cristão e anarquista. Quando o anarquista, como porta-voz das camadas sociais em *decadência*, reclama com "bela indignação" o *direito, a justiça, a igualdade*, fala sob a pressão de sua incultura, que não sabe compreender que sua pobreza consiste... na pobreza de vida. Há nele um instinto de causalidade que o impele a discorrer assim: "Alguém deve ter culpa do meu mal-estar", (NIETZSCHE, 2001a, p. 75)

Assim como seus contemporâneos, Nietzsche tinha estabelecida a imagem estereotipada dos anarquistas, e talvez não tenha tido nenhum contato com as ideias do anarquismo individualista, pois, certamente, perceberia a similitude entre este segmento e a sua própria definição de homem autônomo. Embora tenham sido contemporâneos, Nietzsche não deve ter tido contato com a filosofia de Thoreau, em virtude da distância geográfica dos dois e da insatisfatória distribuição de livros à época, ainda mais de autores pouco compreendidos, como Nietzsche, e que não tinha ambições publicitárias, como Thoreau. Seria bem prazeroso ler uma crítica do filósofo alemão aos escritos do americano. Talvez Nietzsche percebesse o engrandecimento do indivíduo que superou a avidez pelas veleidades mundanas em busca de sua elevação pessoal, e declarasse “Este é o além-do-homem do qual tenho falado.”

3.3 Crítica de Nietzsche à mentalidade de rebanho

Nietzsche criticava a democracia por ser uma forma de “diminuição do homem, uma mediocrização”, conforme citação. A estipulação da igualdade de todos pelo poder de voto, por exemplo, não é uma demonstração de justiça, mas um nivelamento por baixo dos cidadãos participantes da vida política da comunidade. Não seria aceitável, para ele, a equivalência de valor na intenção pouco refletida do fraco, expressada através do voto, e a elevada consciência apta a fazer escolhas sensatas, própria dos fortes.

Nós que temos uma fé diferente, nós, para quem o movimento democrático representa não apenas uma forma de decadência da organização política, mas também uma forma de decadência, isto é, uma diminuição do homem, uma mediocrização, um abaixamento do seu valor, (...). (NIETZSCHE, 2001b, pp. 115-116)

A formação de instituições liberais, por meio das quais irão se realizar ações e projetos que propiciarão alcançar a liberdade da população, também é criticada pelo filósofo que dizia que estas instituições deixam de ser liberais no momento em que

alcançam seus objetivos, pois, neste ponto, deveriam ser extintas, do contrário, passam a atuar contrariamente ao propósito inicial. É próprio do rebanho (termo já citado e que é como Nietzsche nomeia o ajuntamento dos fracos) buscar a criação de instituições liberais, porque o fraco não tem o impulso de lutar sozinho pela sua liberdade; resta-lhe apostar na força gerada pelo somatório da pouca potência de cada um do grupo. Essa confiança no poder do grupo para realizar conquistas, suscita em maior desgaste da já mirrada disposição do fraco. Nietzsche diz que “Liberalismo equívale (sic) a *embrutecimento de rebanho*.” (NIETZSCHE, 2001a, p. 81)

Não se sustentaria por muito tempo a sociedade que conseguisse atingir o nível de considerar todos como iguais; um verdadeiro rebanho de mentes que pensam em uníssonos. É mesmo impossível especular sobre um ambiente assim; mesmo composto por máquinas com algum padrão de programação automática, no qual, todavia, surgem variações ocasionadas por falhas. Ou seja, o instinto de rebanho é uma anomalia por si mesmo, por não ser minimamente exequível.

Nietzsche, mesmo realizando diversas críticas ao movimento anarquista em geral, como já vimos, escreve muito contra a mentalidade de rebanho, contra as ilusões prometidas pela associação democrática, e o mal-entendido que compara livres-pensadores a espíritos livres, mas que não passam de “(...) escravos a serviço do gosto democrático (...)” (NIETZSCHE, 2001b, p. 53).

Estes falsos espíritos livres perseguem essa igualdade de direitos e igualdade em todos os aspectos da vida, buscando forçadamente convencer os outros a perseguirem os mesmos objetivos inalcançáveis. A felicidade passa a ser uma finalidade artificial da vida, por isso, proliferam os entretenimentos, os disfarces das angústias cada dia mais variados, utilizando inclusive a arte, a estética, a programação da vida inteira, com todos os passos a serem seguidos desde a infância até o sucesso profissional e também o controle virtual de cada movimento dos usuários de tecnologias, e tudo isso, gera programas de gerenciamento da vida, que necessitam de profissões especializadas, e assim, a essência da vida e do viver vai esvanecendo cada vez mais e os homens vão perdendo seu poder de autorreflexão e se tornando mais próximos de autômatos, em vez de autônomos.

“Sua aspiração é a felicidade do rebanho, as verdes pastagens, a segurança e o bem-estar. As duas cantilenas que repetem até o cansaço são "a igualdade dos direitos" e a "compaixão relativamente a todo ser que sofre"; consideram que o sofrimento é algo que deve ser exterminado.” (NIETZSCHE, 2001b, pp 53-4)

Há, no homem medíocre, um desejo em ser governado, por isso ele busca um líder a quem obedecer ou mesmo um grupo de dirigentes de qualquer espécie. Nietzsche denominava a este como homem de rebanho, e observava que as nações eram compostas em sua grande maioria por este tipo humano, que muitas vezes eram mantidos nesta condição por sua própria obstinação, e, outras vezes, por interesse dos governantes para terem em mãos meios de controle sobre as mentes destes homens obedientes. O poder do governante proporcionava a possibilidade de, através do sofrimento físico (controle de alimentos, cobrança de impostos mesmo de quem não tivesse condições de pagar, leis duras em relação às liberdades individuais, obstáculos que impediam a ascensão social etc.), controlar também o psicológico, que seria afetado pela impressão de fraqueza do indivíduo contra o sistema, ocasionando o esmorecimento da vontade e a aceitação inevitável dos desmandos dos poderosos.

Como reação a estas condições, alguns procuram se organizar em busca de alcançar também algum nível de controle sobre outros. Os fracos só veem esta possibilidade de resistir ao inatingível poderio do governo. Assim surgem as associações compostas pelos medíocres que desejam sair de sua condição de oprimidos, mas esta forma resulta em mais comando e mais comandados em outros níveis. Assim, Nietzsche critica estas associações, dando a entender que o indivíduo tem que ignorar o sistema como ele está estabelecido e buscar a elevação espiritual, mental, através de seu próprio esforço.

A existência de rebanhos humanos é imoral (confrarias sexuais, comunidades, tribos, nações igrejas, e estados) e sempre houve um grande número de homens que obedecem a um pequeno número de chefes. (NIETZSCHE, 2001b, p. 111)

Essa crítica do filósofo se deve a uma percepção da evidente multiplicação do homem medíocre, e que cada vez mais, a cultura contribuía para esse estado de coisas, através da cultura, no seu aspecto educacional, o apreço a costumes, a glorificação da sociabilidade, a moderação, a modéstia, entre outros; sempre fatores de amansamento dos impulsos íntimos. E os indivíduos submetidos a este sistema e que alcançam essa domesticação, são os mais favorecidos nas suas aspirações, e, que, pelo exemplo, incentivam a todos a serem como eles, por isso a multiplicação do tamanho do rebanho, ao ponto de ser visível sem grandes observações. Os portadores destas virtudes engrandecidas pelo sistema prosperam. A etiqueta, boa parte da arte, a educação voltada para o trato com o outro, com suas reverências opulentas, os livros voltados para os novos

moldes de comportamento humano, tudo isso contribuiu para o amoldamento do homem “(...) domesticado, tratável e útil ao rebanho (...)”, (NIETZSCHE, 2001b, p. 112).

A modernidade trouxe essa tendência do homem educado, não no sentido de instruído intelectualmente, mas de seguidor das normas aceitáveis pela moral da sociedade. Quaisquer que ousem pensar por si próprios, são hostilizados de várias formas; tanto pior quanto mais pertencerem às classes menos favorecidas, que são tachados de marginais à sociedade ou loucos, enquanto que os mais abastados sofrem uma campanha de difamação, que, no mínimo, são tratados como excêntricos que não devem ser levados a sério, mas, no geral, são anarquistas e vândalos. Atender às ideias modernas é o mesmo que se homogeneizar ao modelo geral e aderir aos instintos que não são os seus, mas os do rebanho. Não sendo assim, não se conseguirá acompanhar as tendências modernas, o fluxo do progresso.

E a verdade é que estamos distantes de cometer uma injustiça, ao empregar assiduamente, referindo-nos aos defensores das idéias (sic) "modernas", as palavras "rebanho" e outras expressões como "instintos gregários" e outras bastante parecidas com esta. (NIETZSCHE, 2001b, p. 114)

Toda esta crítica ao instinto gregário do rebanho guarda uma semelhança com a doutrina do anarquismo individualista de Thoreau. A busca pelo isolamento de tudo quanto fosse uniformização ao *stablishment*, a tudo que prendia o homem como uma peça em um mecanismo e que tolhia sua liberdade.

3.4 Elogio à solidão

Os mecanismos da sociedade, seja democrática ou qualquer outro modelo de governança, com suas ferramentas de controle, impedem que o homem exercite seu autoconhecimento e aperfeiçoamento íntimo. O sistema é projetado para preencher todos os espaços vazios do homem (o entretenimento é um dos principais) para evitar que o homem desperte para suas necessidades reais, naturais e essenciais. Tudo leva a evitar que o homem se ache só, pois assim, ele passará a pensar demais, a refletir sobre a vida, e isso não é bom para o sistema, pois, pode ocorrer que ele venha a aprofundar seus pensamentos e perceba o quanto está envolvido num sistema que não faz sentido do ponto de vista de sua essência individual.

Os homens ao se perceberem como “(...) escravos a serviço do gosto democrático (...)”, e “(...) privados de solidão (...)” (NIETZSCHE, 2001b, p. 53), se sentem superficiais

e como manipulados por seus chefes e pelo governo através de seus componentes, e se revoltam procurando resolver sua situação de diversas maneiras: às vezes organizando revoluções, às vezes mudando para um estilo de vida mais afastado possível da civilização, geralmente no meio rural, ou buscando lutar contra o sistema através dos mecanismos do próprio sistema, muitas vezes na política, e essa opção demonstra um desejo de inverter os papéis; passar de oprimido a opressor.

A solidão para o forte, para o homem autônomo é uma dádiva onde ele saboreia sua contemplação da natureza de tudo com aprazimento. O fraco não suporta a solidão. Ele começa a se perceber melhor na solidão, e isso é um incômodo para ele. Ele tem necessidade de saber a opinião do outro, da atenção do outro, da ajuda do outro para realizar seus propósitos, os quais, sem apoio do outro, ele tem medo e vergonha de realizar sozinho.

A cultura foi direcionada de forma que muitas pessoas passaram a discriminar alguns tipos de pessoas que se sentem bem com sua solidão, provocando nos homens o medo de tudo o que seja solitário; criando estereótipos que constroem a população a não cair em tais situações, pois serão rejeitados na sociedade, como a solteirona ou solteirão, o *nerd*, o ermitão, aqueles que não tem uma aparência adequada aos padrões de beleza estipulados pelas mídias e não buscam “melhorar” para se encaixar, aqueles que abandonam carreiras promissoras em prol de uma vida de aventuras em viagens pelo mundo, ou que querem uma carreira menos remunerada do que a dos seus pais; em contraste com os populares do colégio, os bem-sucedidos nas empresas, os conquistadores de mulheres, os que gostam de ser o centro das atenções, as meninas que se sentem na obrigação de se aproveitar-se de sua estética corporal para participar de concursos de beleza, o empresário que está sempre em busca do lucro, independente do prejuízo do seu concorrente; estes serão os bem-aceitos pela sociedade gregária, porque se esforçaram para compor as engrenagens da cultura que mantém as distrações sociais.

Como diz Nietzsche: “A decisão de estar só parece perigosa e tudo que separa o indivíduo do rebanho, tudo aquilo que assusta ao próximo, será designado como o mal.” (NIETZSCHE, 2001b, p 114). Os cidadãos que não se encaixam, passam a ser vistos como perigosos e um mal para a sociedade. Quanto mais rígido o governo, mais opressivos serão os mecanismos de subjugamento, e também, mais difícil será para o homem ter liberdade para desenvolver consciência de si e de sua situação.

O convívio entre os homens gera muitas situações constrangedoras, que não podem ser deixadas expostas a ponto de chamar a atenção dos mecanismos de controle do governo, mas não deixam de afetar a todos. Quando a situação extrapola o âmbito mais estreito e configura anomalia no comportamento adequado, os envolvidos sofrem as consequências. Quando se mantém no círculo interpessoal, a fim de evitar escândalo, os homens absorvem os impasses gerados por conflitos de interesse, tantos de iguais a ele, como de superiores dentro da sociedade. A angústia é resultado destas experiências, das quais, para serem evitadas, alguns homens superiores, segundo o critério de Nietzsche, buscam a satisfação da solidão.

Quem quer que no trato com os homens não tenha passado por todos os matizes da angústia, o rubor e a palidez da compaixão, a necessidade imperiosa do isolamento, esse não é verdadeiramente um homem de gosto superior. (NIETZSCHE, 2001, p. 38)

Essa defesa da solidão leva Nietzsche a entrar em concordância com a filosofia de Thoreau, os quais experimentaram na prática o isolamento de alguma forma durante a vida: Thoreau buscando a elevação espiritual na floresta e nos escritos de suas impressões da vida em contato com a natureza livre da intervenção da civilização; e Nietzsche, sentindo o isolamento decorrente da insatisfação gerada pela falta de interesse do público por sua filosofia e seus escritos, do afastamento de amigos em virtude do seu implacável senso crítico, e mesmo de sua doença ao final da vida.

4. APROXIMAÇÕES ENTRE O PENSAMENTO DE NIETZSCHE E O ANARQUISMO INDIVIDUALISTA

A anarquia individualista em termos gerais, prega a liberdade do indivíduo, tema que foi exaustivamente tratado por filósofos e não filósofos em todas as épocas, sendo esta preocupação a prova de que, se a liberdade é sempre assunto a ser discutido, é porque sempre houve carência em alguma medida deste direito universal. Gostaríamos de citar a filósofa contemporânea Simone de Beauvoir que comenta em seu livro *Por uma moral da ambiguidade* acerca da liberdade:

A liberdade é a fonte de que surgem todas as significações e todos os valores; ela é a condição original de toda justificação da existência; o homem que busca justificar sua vida deve querer antes de tudo e absolutamente a própria liberdade; ao mesmo tempo em que ela exige a realização de fins concretos, de projetos singulares, ela se exige universalmente. Ela não é um valor inteiramente constituído que se proporia de fora a minha adesão abstrata, mas parece (não no plano da facticidade, mas no plano moral) como causa de si: ela é convocada necessariamente pelos valores que afirma e através dos quais se afirma; ela não pode fundar uma recusa de si mesma, pois ao recusar-se recusaria a possibilidade de qualquer fundamento. Querer-se moral e querer-se livre é uma única e mesma decisão. (BEAUVOIR, 2005, p. 26)

Vemos com isso que a liberdade é uma pauta que nunca sai da ordem do dia. A carência de liberdade está intimamente ligada às organizações sociais, em razão destas serem formadas por indivíduos em diversas posições sociais, o que caracteriza hierarquias, mesmo que tacitamente, e qualquer hierarquia pressupõe superioridade de alguns e inferioridade de outros, conseqüentemente, mais liberdade para uns e menos para outros. O que chamamos de civilização é a busca pelo equilíbrio desses que podem mandar e os que devem obedecer, e a constante procura por soluções dos problemas advindos desta condição.

Em toda sua crítica ao animal gregário, ao espírito de rebanho e ao homem fraco, demonstram que Nietzsche sentia que a humanidade estava marchando em direção à mediocrização. O filósofo via isso claramente, por isso sua escrita ferrenha. Nietzsche considerava que as revoltas populares, principalmente se utilizassem de violência, contra os governos, eram vandalismo e anarquia, na concepção de anarquismo aceita à época. Estas revoltas só serviriam para substituir um tirano por outro. Mas esse não é o caso do anarquismo individualista, que defende a decadência do Estado apenas deixando de alimentá-lo; buscando a vida independente e descompromissada com associações; evitando ser governado por líderes; não desejando aderir a agrupamentos para cumprir objetivos em comum; desenvolver sua força interior para autogestão e autossuficiência.

Não seria isso tudo um paralelo com o além-do-homem, o espírito livre, o homem não-gregário, aquele que transvalorou todos os valores, o forte; ideias apresentadas por Nietzsche em sua filosofia?

Contra a vida despendida como apenas um elemento dentro do mecanismo massacrante do Estado, Nietzsche mostra como é fácil aceitar a condição de ser gregário, necessitando a convivência com outros pois não sabe viver por si, não busca autonomia, não busca a anarquia, no sentido primordial da palavra; ele prefere seguir a massa, fazer tudo igual para não ser destacado, positiva nem negativamente, no seu grupo, pois isso traz a recompensa de ser bem aceito na sociedade; a recompensa é perceber “(...) como se mostra afável, como se mostra afetuoso o mundo, tão logo fazemos como todo mundo e nos ‘deixamos levar’ como todo mundo.” (NIETZSCHE, 2007a, p. 84). Essa afabilidade é o prêmio pela acomodação da situação de dominado. É muito menos trabalhoso aceitar a vida subjugada que coube ao indivíduo.

Querer ser autônomo requer um esforço hercúleo e poucos são os que desejam desenvolver sua individualidade para enfrentar todos os obstáculos e atingir a autonomia e liberdade. Mesmo buscando o isolamento, como propõe Thoreau, haverá obstáculos diversos a enfrentar: críticas dos mais próximos, da família, conselhos sobre os perigos da própria natureza, perseguição dos governantes, perda da “civilização”.

N’*O crepúsculo dos ídolos*, Nietzsche também dá algumas concepções do que entende como o sujeito que busca a autonomia, a autarquia, que não reprime seus instintos em prol da moral do grupo ao qual pertence: “Ver-se obrigado a combater os instintos é a fórmula da decadência, enquanto que na vida ascendente, felicidade e instinto são idênticos.” (NIETZSCHE, 2001, p. 19). Vemos claramente nesta passagem a proximidade dos pensamentos de Nietzsche e de Thoreau, quando este propunha o desenvolvimento dos instintos mais profundos do ser humano com o intuito de descobrir o que é realmente um desejo autêntico, para que assim buscasse atender a este instinto e outros que, como ele, afluíssem do mais íntimo âmago do humano. E Nietzsche continua destacando que o conceito de liberdade está distorcido por causa da degeneração dos instintos. Quem não tem uma definição clara do que seja liberdade, não ambiciona alcançar tal estado, preferindo o conforto de abster-se do direito de pensar por si e preferir obedecer ao mandante. “Nosso conceito moderno de liberdade é uma prova a mais da degeneração dos instintos.” (NIETZSCHE, 2001a, p. 85). Na sua busca pessoal, Thoreau

percebe a distorção do entendimento do que seja liberdade, que se tornou a conquista advinda da obediência ao Estado. Eles concordariam que nada poderia estar mais distorcido do que este conceito.

A partida por uma busca pessoal e solitária de Thoreau se deve à percepção de que a procura pela liberdade, felicidade e autonomia é individual, pois, cada indivíduo enxerga o mundo de um jeito diferente e tem anseios diversos, tornando, assim, inexequível a agregação que objetiva metas em comum; pelo contrário, o agrupamento, ocasionará conflitos em virtude de divergência de ideias. Nietzsche era totalmente avesso à política de igualdade, declarando, inclusive que daí provém injustiça. Ele diz: “A doutrina da igualdade!... Não há veneno mais venenoso, pois parece pregado pela própria justiça, quando é a ruína de toda justiça.” (NIETZSCHE, 2001a, p. 92). É o mais venenoso dos venenos porque está disfarçado de justiça, o que arregimenta multidões de incautos. É dessa enganação que Thoreau busca escapar.

Em outra passagem, Nietzsche faz uma exaltação da solidão desejada pelo espírito forte, que não sente necessidade de liderar, muito menos de ser liderado, algo análogo à filosofia de vida pregada por Thoreau. O filósofo alemão diz: “Mas um espírito seguro de si mesmo fala baixo; busca o ocultamento, deixa que esperem por ele. (...) Essa espécie de homem não gosta de ser perturbada por inimizades, tampouco por amizades; (...)” (NIETZSCHE, 2007, p. 100).

Não pode haver liberdade onde há governo. Por isso essa similaridade com o individualismo anarquista.

Nietzsche sabia que poucos haviam, em qualquer época, com a força necessária para se impor contra as instituições e todas as suas peculiaridades e mecanismos de controle; ser forte é pertencer a uma minoria, pois a maioria sempre foi ensinada a se submeter às diversas doutrinas criadas para manipular as mentes, seja religião, divisão de classes, demonstração de superioridade através da força ou de títulos de distinção, alta cultura, poder aquisitivo, que seleciona quem tem acesso a recintos luxuosos. A maioria também é mantida na ilusão de que um dia possa ascender a este patamar do qual ela ouve falar, pois esse sonho é mais uma ferramenta de dominação. O homem independente, o forte, que busca sua liberdade não é afetado por nenhuma destas armadilhas. Ele desdenha dos prazeres mundanos por saber que não passam de artimanhas forjadas para exercer domínio. O individualista sabe que este não é o caminho da liberdade nem da felicidade.

Para Nietzsche, “A independência é o privilégio dos fortes, da reduzida minoria que tem o calor de auto-afirmar-se.” (NIETZSCHE, 2001b, p. 42)

Uma melhor definição deste homem diferenciado que deseja o afastamento de tudo que é ordinário, tudo que é do gosto da maioria, não pelo capricho de ser diferente para se destacar, mas porque a maioria, entorpecida pela abundância de estímulos padronizantes, tem a atenção desviada para o que é de pouca profundidade, enquanto que os grandes espíritos distinguem o que é trivial e medíocre do que altivo e edificante. É uma descrição que Nietzsche faz do homem que não se deixa convencer pela opinião da maioria que tenta demovê-lo de ideia de buscar sua elevação individual, alegando que ele será mal sucedido por ter menosprezado as tradições e os costumes. Resumindo, o anarquista individualista. Assim explica a diferença entre o homem superior e o inferior:

Deve-se renunciar ao mau gosto de querer estar de acordo com o grande número de pessoas. O que é bom para mim, não é bom para o paladar do vizinho. E como poderia haver um “bem comum”? Esta frase encerra uma contradição. O que pode ser desfrutado em comum é sempre coisa de baixa definição, de pouco valor. Enfim, as grandes coisas estão reservadas para os grandes espíritos; os abismos para os espíritos profundos; as delicadezas e os calafrios reservados aos refinados, numa palavra: raridades para os raros. (NIETZSCHE, 2001b, p. 53)

Na seguinte citação, Nietzsche demonstra como o homem forte e o homem fraco reagem de formas diferentes à mesma situação. E, certamente, o forte emergirá mais fortalecido e o fraco, mais dominado. Destacando mais uma vez, a raridade dos espíritos elevados.

As mesmas novas condições que serviram para mediocrizar o homem, a criar um homem de rebanho, útil, laborioso, capaz de muitas coisas – são capazes no mais alto grau a gerarem homens excepcionais, da qualidade mais perigosa e atraente. (...) enquanto a democratização da Europa tende à formação de um tipo especialmente preparado para a *servidão*, em casos singulares e excepcionais, o homem forte surgirá mais forte e mais completo do que conseguiu ser até agora – em razão de sua educação despreconceituosa, da sua imensa diversidade de atividades, de talentos e simulação. (NIETZSCHE, 2001b, pp. 171-172)

Em seu livro autobiográfico, *Ecce homo*, Nietzsche demonstra seu desejo de solidão e apartamento do mundo ordinário, que lhe causava inquietude os comportamentos medíocres, e uma afinidade pelo individualismo, quando diz que “**Sofrer** por causa da solidão também é uma objeção – eu sempre sofri tão-só por causa da ‘multidão’...” (NIETZSCHE, 2007b, p. 67)

Através de seu personagem mais famoso, Zaratustra, Nietzsche, entre outras passagens de mesmo teor, faz essa declaração que demonstra a aversão ao Estado,

princípio anarquista: “Ali onde cessa o Estado, apenas ali começa o homem que não é supérfluo (...)” (NIETZSCHE, 2011, p. 47). O Estado transforma o homem em mera unidade dentro de uma coletividade; unidade descartável por representar insignificante alteração sua existência ou seu desaparecimento.

Os governantes somente tomam medidas de contenção das vontades individuais quando percebem que estas podem provocar rupturas nas suas bases, para isso, procuram desencorajar movimentos rebeldes, adotando medidas de repressão pela força, no caso de protestos violentos, e propaganda para desacreditar o movimento perante a opinião pública. Isso não funciona com o anarquista individualista, porquanto não está interessado em enfrentar o Estado utilizando-se das formas que podem ser reprimidas. Ele apenas deixa de financiá-lo e busca afastar-se do domínio estatal, e, sendo esta atitude assumida por uma grande quantidade de pessoas, o Estado desmorona por si mesmo.

Outra passagem interessante de Nietzsche em relação ao instinto de rebanho, na qual ele indica, como em tantas outras passagens dos seus livros, a diferença entre o forte e o fraco, que também pode ser feita uma correspondência com o anarquismo individualista: “Pois atente-se para isso: os fortes buscam necessariamente *dissociar-se*, tanto quanto os fracos buscam *associar-se*; (...)” (NIETZSCHE, 2007a, p. 125)

Embora bastante citado, o tema do anarquismo em Nietzsche não é de fácil análise. Mesmo sem se referir diretamente ao individualismo anarquista, o filósofo tem muitos escritos onde expõe ideias que podem ser interpretadas como uma defesa do individualismo, portanto, seria necessário uma leitura minuciosa da obra completa do filósofo e fazer um compilado de tudo o que envolve o assunto para se entender toda a extensão do seu entendimento em relação ao movimento anarquista.

Contudo, percebemos que a tendência é de crítica ao movimento, porém, há muita aproximação do pensamento do filósofo alemão com o anarquismo individualista. Muitos outros autores poderiam ser pesquisados para enriquecimento do debate, no entanto, acreditamos ter trazido ao entendimento dos leitores, a ideia principal da realização deste trabalho, qual seja, não obstante a crítica de Nietzsche ao movimento anarquista, sua filosofia toda está pontuada com ideias próximas do anarquismo individualista, talvez de forma até mais incisiva.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro capítulo foi apresentado o conceito de anarquismo e suas vertentes, citando os teóricos anarquistas ligados às correntes anárquicas que defendiam, assim como as primeiras referências ao termo. Foi destacada a vertente individualista do anarquismo para ser tratada no presente trabalho, representada principalmente por Henry David Thoreau, na qual o uso da violência é vedado e algumas de suas finalidades são a extinção do Estado pela negação da manutenção de sua estrutura, e o sentimento de verdadeira liberdade promovida pela emancipação do homem que conquista sua autonomia. Outra característica do individualismo anarquista é a consciência de que não é possível agir em grupo, pois cada indivíduo possui aspirações diferentes, motivo pelo qual é impraticável a convergência das ideias dos integrantes das sociedades, por isso, a ocorrência de conflitos incessantes. Foi apresentada também a ideia distorcida que há em relação ao anarquismo, tratado como vandalismo pelo prazer de destruir, advinda dos impactos causados pelos protestos violentos realizados pelos anarquistas, de um modo geral, desconsiderando o anarquismo pacifista, por não realizarem manifestações cuja repercussão não se equiparam à cobertura dada pela imprensa à violência dos atos dos outros grupos anarquistas.

O segundo capítulo aborda o entendimento equivocado que Nietzsche tinha do anarquismo, em virtude do conceito mais aceito à época, e por ser a violência, a característica mais palpável do anarquismo, por isso, o filósofo realiza críticas aos anarquistas em diversas passagens de sua obra. E o fato de não ter sido encontrada, em nossa pesquisa, qualquer referência de Nietzsche ao anarquismo individualista, talvez por sua pouca expressão à época, e evidência dos protestos agressivos. Muito embora Nietzsche não trate do anarquismo individualista, ele desenvolve conceitos que se aproximam das ideias defendidas pelos anarquistas individualistas, tais como, liberdade, autonomia, elevação espiritual, busca pelo desenvolvimento da potência individual, entre outros, e contra a maquinização e uniformização dos homens. Também é criticada por Nietzsche a moral de rebanho, cuja definição corrobora com a apologia do individualismo anarquista, e ainda, o desejo de solidão enaltecido pelo filósofo alemão.

No terceiro capítulo destacamos como a liberdade é um tema que não perde relevância ao longo da História, tendo em vista não ser de fácil obtenção e sempre haver

conflitos que objetivam a destruição dos bloqueios para alcançá-la, porém, o Estado é o grande responsável por esta obstrução. Vemos também como Nietzsche declara que independência é característica de espíritos fortes e livres.

Percebemos em nossa leitura e pesquisa como Nietzsche aspirava por uma liberdade autêntica, que traria a efetiva felicidade, sem alegrias efêmeras, próprias dos entretenimentos medíocres, e que seria alcançada pela negação dos costumes supersticiosos que criam uma prisão mental para os que são formatados para ter medo e angústia se ousarem pensar por si próprios; busca esta, muito próxima das aspirações anarquistas individualistas.

Qual poderia ser a aplicação das teorias anarquistas individualistas na atual sociedade? Podemos citar, como principal exemplo da dificuldade para desenvolver na sociedade uma mentalidade anarquista individualista, a inabalável resistência que haveria por parte de instituições e autoridades no intuito de evitar que o Estado e suas instâncias fossem eliminados, mesmo que estas mudanças ocorressem paulatinamente. Porém, haveria uma considerável elevação na qualidade de vida das sociedades, em qualquer lugar e em qualquer época, se alguns preceitos do anarquismo individualista fossem postos em prática; como exemplos, a liberdade de poder escolher a melhor forma de vida para si sem os diversos sistemas de controle do Estado; um boicote total contra os meios de comunicação de massa que tem a clara intenção de alienar os ouvintes, leitores e telespectadores; estímulo à educação e interferência mínima do Estado na vida do povo.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone de. **Por uma moral da ambiguidade**. Tradução: Marcelo Jacques de Moraes, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2005.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco, **Dicionário de política, Vol. I**, 11ª Ed. Tradução: Carmen C. Varriale, Gaetano Lo Mônaco, João Ferreira, Luís Guerreiro Pinto Cacaís e Renzo Dini. Editora Universidade de Brasília, Brasília-DF, 1998.

LA BOÉTIE, Étienne de. **Discurso Sobre a Servidão Voluntária**. Versão para eBookLibris e BooksBrasil. 2006. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2014171/mod_resource/content/1/Servidao_voluntaria_Boetie.pdf. Acesso em: 02/03/2020 às 19h e 23 min.

COLLODY, Hermann. **Pequeno Dicionário Filosófico**. Vol. 18, Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2005.

COLSON, Daniel - **Nietzsche et l'anarchisme**, in *A Contretemps. Bulletin de critique bibliographique*. Paris, n. 21, outubro/2005. Tradução do francês por Martha Gambini.

DETTI, Angela. Matéria: **Anarquismo**; Coluna: Ideias; Revista GRANDES TEMAS DO CONHECIMENTO – FILOSOFIA, nº 52. Mythos Editora.

FRANCO, A. C. **Henry David Thoreau e a Moderna Tradição Libertária**. *Anglo Saxônica*, vol. 17, no. 1, 2020. Disponível em: <http://doi.org/10.5334/as.27>. Acesso em: 02/03/2020 às 20h e 41 min.

NIETZSCHE, Friedrich W - **A Gaia Ciência**. Tradução: Antonio Carlos Braga, Editora Escala, São Paulo, Coleção O Essencial de Nietzsche, 2013b.

NIETZSCHE, Friedrich W - **Além do bem e do mal – ou prelúdio de uma filosofia do futuro**. Tradução: Márcio Pugliesi, da Universidade de São Paulo, Hemus Livraria, Distribuidora e Editora S.A. 2001b.

NIETZSCHE, Friedrich W - **Assim falou Zaratustra**. Tradução: Paulo César de Souza, Editora Companhia das Letras, São Paulo, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich W - **Aurora**. Tradução: Antonio Carlos Braga, Editora Escala, São Paulo, Coleção O Essencial de Nietzsche, 2013a.

NIETZSCHE, Friedrich W - **Ecce homo, de como a gente se torna o que a gente é**. Tradução: Marcelo Backes. Brasil, Coleção L&PM Pocket, vol. 301. 2007b.

NIETZSCHE, Friedrich W - **O Anticristo Ensaio de uma Crítica do Cristianismo**, Tradução: André Dísposre Cancian. Versão digital, Livro de Domínio Público, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich W - **O crepúsculo dos ídolos – a filosofia a golpes de martelo**. Tradução: Edson Bini, Márcio Pugliesi, da Universidade de São Paulo, Hemus Livraria, Distribuidora e Editora S.A., 2001a.

NIETZSCHE, Friedrich W. - **Genealogia da moral – uma polêmica**. Tradução: Paulo César de Souza, Companhia das letras. 2007a.

PROUDHON, Joseph-Pierre. **O que é a propriedade?** Editorial Estampa, 2ª Edição, tradução: Marília Caeiro, Lisboa, 1975.

THOREAU, Henry D. - **A desobediência civil**. Tradução: Sergio Karam, L&PM. 2013.

THOREAU, Henry D. - **Walden, ou a vida nos bosques**. Tradução: Denise Bottmann, L&PM. 2015.

VILAS BÔAS, João Paulo Simões. **Nilismo e grande política em Nietzsche. A aurora da superação humana a partir da morte de Deus**. Editora UFPR, Curitiba, 2019.

VILAS BÔAS, João Paulo Simões. **Nilismo, fanatismo e terror: uma leitura do fundamentalismo a partir de Friedrich Nietzsche**. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas, 2016.

VOLPI, Franco. **O nilismo**, Edições Loyola, tradução: Aldo Vannuchi, 2ª Edição. São Paulo, 2012.

WALTER, Nicolas. **O que é anarquismo**. Tradução: Plínio A. Coêlho, Faísca Publicações Libertárias, versão digital, 2009.

WOODCOCK, George, **História das Idéias e Movimentos Anarquistas**, vol 2. O movimento, L&Pm Pocket, tradução: Alice k. Miyashiro, Heitor Ferreira da Costa, José Antônio Arantes e Júlia Tettamanzy, PORTO ALEGRE, 2006.